

DM

Entre Viagens e Culturas
A perspetiva feminina em *De Nápoles a Jerusalém*,
de Maria Celina Sauvayre da Câmara

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gina Gouveia Alves

MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2025

Entre Viagens e Culturas
A perspetiva feminina em De Nápoles a Jerusalém,
de Maria Celina Sauvayre da Câmara

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gina Gouveia Alves

MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE

ORIENTAÇÃO

Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli

Agradecimentos

Expresso a minha profunda gratidão a todas as pessoas e instituições que, de diferentes modos, tornaram possível a realização desta tese.

À minha orientadora, Professora Doutora Luísa Paolinelli, agradeço por aceitar este desafio comigo, pela orientação rigorosa, pela paciência e disponibilidade constantes e, acima de tudo, por tornar este trabalho possível. O seu apoio foi decisivo em todas as etapas da investigação.

À minha família, agradeço a educação, o apoio incondicional e o incentivo permanente. Obrigado por acreditarem em mim, por me proporcionarem oportunidades e por me lembrarem sempre da importância do conhecimento. A vossa confiança foi o impulso que me permitiu chegar mais longe.

Por fim, reconheço o esforço pessoal empreendido ao longo deste percurso - a perseverança, a coragem e a dedicação - que me permitiram acreditar, sem desistir, que este momento seria possível.

Resumo: A presente dissertação de mestrado analisa o *Diário de Nápoles a Jerusalém* de Maria Celina Sauvayre Câmara, um documento significativo dentro da tradição dos diários de viagem femininos do século XIX. O estudo foca-se na perspectiva feminina presente no diário, destacando as experiências e observações da autora ao longo da sua jornada. A narrativa de Maria Celina oferece uma visão rica e detalhada das tradições e valores dos lugares visitados, revelando as tensões e transformações decorrentes desses encontros culturais. Através de uma leitura cuidadosa e detalhada do diário, complementada por uma abordagem teórica fundamentada nos estudos literários e históricos, esta pesquisa explora as percepções da autora sobre a diversidade cultural, a paisagem e a condição feminina. O foco recai nas experiências pessoais de Maria Celina Sauvayre Câmara, realçando as complexidades das identidades culturais e os desafios enfrentados por uma mulher viajante na época. Partindo das descrições e reflexões da autora, a dissertação apresenta uma análise das diversas personagens e culturas encontradas, oferecendo um retrato complexo da diversidade humana e cultural no contexto das viagens. A pesquisa analisa como o diário de Maria Celina representa um valioso campo de investigação sobre as relações interculturais, as percepções femininas sobre as viagens e os desafios enfrentados pelas mulheres num mundo predominantemente masculino. Esta dissertação pretende demonstrar a importância da perspectiva feminina nos relatos de viagem, contribuindo para uma compreensão mais ampla das culturas e das experiências humanas documentadas na literatura de viagens.

Palavras-chave: Diário de viagem feminino; Maria Celina Sauvayre Câmara; Diversidade cultural; Perspetiva feminina; Relatos de viagem; Relações interculturais

Abstract: This master's dissertation analyzes *Diário de Nápoles a Jerusalém* by Maria Celina Sauvayre Câmara, a significant document within the tradition of nineteenth-century women's travel diaries. The study focuses on the female perspective present in the diary, highlighting the author's experiences and observations throughout her journey. Maria Celina's narrative offers a rich and detailed insight into the traditions and values of the places she visited, revealing the tensions and transformations arising from these cultural encounters. Through a careful and thorough reading of the diary, complemented by a theoretical approach grounded in literary and historical studies, this research explores the author's perceptions of cultural diversity, landscape, and the female condition. The emphasis is on Maria Celina Sauvayre Câmara's personal experiences, underscoring the complexities of cultural identities and the challenges faced by a traveling woman of her time. Based on the author's descriptions and reflections, the dissertation presents an analysis of the various characters and cultures encountered, offering a nuanced portrayal of human and cultural diversity in the context of travel. The research analyzes how Maria Celina's diary constitutes a valuable field of study regarding intercultural relations, women's perceptions of travel, and the challenges faced by women in a predominantly male world. This dissertation aims to highlight the importance of the female perspective in travel narratives, contributing to a broader understanding of cultures and human experiences documented in travel literature.

Keywords: Women's travel diary; Maria Celina Sauvayre Câmara; Cultural diversity; Female perspective; Travel narratives; Intercultural relations

Résumé: Cette dissertation de master analyse *Diário de Nápoles a Jerusalém* de Maria Celina Sauvayre Câmara, un document significatif dans la tradition des journaux de voyage féminins du XIX^e siècle. L'étude se concentre sur la perspective féminine présente dans le journal, mettant en lumière les expériences et observations de l'auteure tout au long de son voyage. La narration de Maria Celina offre un aperçu riche et détaillé des traditions et des valeurs des lieux visités, révélant les tensions et transformations découlant de ces rencontres culturelles. À travers une lecture attentive et approfondie du journal, complétée par une approche théorique fondée sur les études littéraires et historiques, cette recherche explore les perceptions de l'auteure concernant la diversité culturelle, le paysage et la condition féminine. L'accent est mis sur les expériences personnelles de Maria Celina Sauvayre Câmara, soulignant la complexité des identités culturelles et les défis auxquels une femme voyageuse était confrontée à cette époque. À partir des descriptions et réflexions de l'auteure, la dissertation propose une analyse des différentes personnes et cultures rencontrées, offrant un portrait nuancé de la diversité humaine et culturelle dans le contexte du voyage. La recherche analyse comment le journal de Maria Celina constitue un champ précieux pour l'étude des relations interculturelles, des perceptions féminines du voyage et des défis rencontrés par les femmes dans un monde majoritairement masculin. Cette dissertation vise à démontrer l'importance de la perspective féminine dans les récits de voyage, contribuant à une compréhension plus large des cultures et des expériences humaines documentées dans la littérature de voyage.

Mots-clés : Journal de voyage féminin ; Maria Celina Sauvayre Câmara ; Diversité culturelle ; Perspective féminine ; Récits de voyage ; Relations interculturelles

Nunca a Madeira me pareceu tão linda como quando ali regressei depois da minha primeira viagem, voltando dos Pirenéus, da Suíça, dos Alpes. Descobri então na minha ilha belezas que nunca tinha notado.

(Maria Celina Sauvayre Câmara)

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 7 |
| 1. O Diário de Viagem como Género Literário | 10 |
| 1.1. História do Género..... | 13 |
| 1.2. Características dos Diários de Viagem..... | 28 |
| 2. A Tradição do Diário de Viagem Feminino no século XIX..... | 32 |
| 2.1. História e Desenvolvimento..... | 41 |
| 2.2. Temas e motivações..... | 42 |
| 3. Análise do <i>Diário de Nápoles a Jerusalém</i> | 46 |
| 3.1. Contexto Biográfico e Histórico..... | 48 |
| 3.2. Estrutura e Estilo do Diário..... | 52 |
| 3.3. Temas Principais..... | 55 |
| 4. Contribuições e impacto..... | 68 |
| 4.1. Contribuição do Diário de Maria Celina Sauvayre da Câmara..... | 79 |
| 4.2. Legado e Relevância Atual..... | 71 |
| Conclusão..... | 73 |
| Bibliografia..... | 77 |

Introdução

O fenómeno das viagens e dos diários de viagem representa, desde tempos antigos, um ponto de encontro entre experiência pessoal, conhecimento geográfico e reflexão cultural. Ao longo do século XIX, com o crescimento das oportunidades de mobilidade e a expansão das rotas de transporte, surgiram novos modos de narrar deslocações, não apenas como registos factuais de itinerários e acontecimentos, mas como formas de expressão literária e de construção identitária. Neste contexto, os diários de viagem assumem um papel central, permitindo observar o mundo através de uma lente pessoal, sensível e, por vezes, crítica. Quando essa narrativa é realizada por uma mulher, torna-se também um veículo para explorar as limitações, desafios e possibilidades impostas à experiência feminina num espaço social e cultural historicamente dominado por homens.

A presente dissertação dedica-se ao estudo do *Diário de Nápoles a Jerusalém* de Maria Celina Sauvayre da Câmara, documento que, pela sua singularidade, destaca-se na literatura de viagem feminina portuguesa do final do século XIX. Maria Celina, descendente de uma família aristocrática e culturalmente ativa do Funchal, articula nas suas páginas a experiência direta de deslocação pelo Médio Oriente com uma reflexão estética, histórica e espiritual, oferecendo ao leitor uma visão complexa e multifacetada dos lugares visitados. O diário não se limita a um registo factual ou a uma mera descrição de monumentos e paisagens; antes, assume a forma de um texto híbrido, no qual se cruzam o íntimo e o público, o factual e o lírico, a emoção pessoal e a análise crítica.

A escolha de Maria Celina como objeto de estudo justifica-se por vários fatores. Em primeiro lugar, a autora representa uma voz pioneira no âmbito da literatura de viagens escrita por mulheres em Portugal, desafiando os padrões de invisibilidade cultural que muitas vezes relegavam a escrita feminina para o privado. O diário demonstra não apenas a capacidade de observação e descrição da autora, mas também a sua consciência crítica perante a alteridade e a diversidade cultural. Maria Celina revela um olhar atento às práticas sociais, às tradições religiosas, à monumentalidade arquitetónica e às interações humanas, articulando estas experiências com reflexões sobre a condição feminina, a educação, a fé e o cosmopolitismo.

Em segundo lugar, o diário constitui um testemunho histórico e cultural de grande relevância. Ao relatar deslocações pelo Egito, Jerusalém, Belém e outros locais sagrados ou culturalmente significativos, Maria Celina oferece uma perspectiva única sobre a mobilidade europeia do século XIX, em especial a forma de como as mulheres experienciavam o mundo fora do seu contexto imediato. A autora observa as práticas locais, as paisagens naturais e urbanas, bem como os contrastes sociais e religiosos, proporcionando um registo etnográfico informal, mas rigoroso, que enriquece a compreensão das interações interculturais e do cosmopolitismo da época. Estas observações assumem especial relevância quando se consideram as limitações impostas às mulheres no contexto cultural e social português, evidenciando como a experiência de viagem se torna simultaneamente uma prática de afirmação pessoal e literária.

Outro aspeto fundamental que sustenta a escolha deste diário como objeto de estudo é a sua dimensão estética e espiritual. A escrita de Maria Celina combina a apreciação sensorial das paisagens e monumentos com a experiência emocional da peregrinação, fundindo a contemplação religiosa com a sensibilidade artística e literária. Chegada à Terra Santa, a vertente da peregrinação emerge com mais vigor, e a atenção passa a centrar-se nos locais bíblicos que a emocionam particularmente. A igreja do Santo Sepulcro provocou-lhe lágrimas tão sentidas, tão íntimas, tão quentes e verdadeiras! [...] A mim chovia-me dentro da alma!”, admitindo mesmo sentir-se “...oprimida por uma sensação indefinida que tinha qualquer coisa de sobrenatural.” (Trindade & Paolinelli, 2011, p.11).

Esta fusão de elementos reflete não apenas a riqueza da experiência da autora, mas também o potencial do diário como documento literário, capaz de transcender o mero registo factual e constituir um exercício de expressão subjetiva e reflexão cultural.

A análise do diário permite, assim, compreender de que forma a experiência individual se articula com a memória coletiva, a história e a tradição religiosa, destacando a pertinência da literatura de viagem como meio de construção de sentido e identidade. A perspectiva feminina emerge como eixo estruturante do estudo. Maria Celina narra a viagem de forma consciente e crítica, destacando a sua autonomia, a capacidade de decisão e a forma como vivencia os desafios físicos e sociais associados à deslocação.

A investigação desenvolvida nesta dissertação assenta numa abordagem interdisciplinar, combinando os estudos literários, a história cultural e os estudos de género. Tal abordagem permite explorar não apenas a dimensão narrativa e estilística do diário, mas também o seu contexto histórico e social, incluindo aspetos como a mobilidade europeia, a educação estética, as relações interculturais e a construção identitária da mulher viajante. Ao integrar estas múltiplas perspetivas, a análise procura situar o diário de Maria Celina numa tradição literária mais ampla, ao mesmo tempo que evidencia as especificidades da experiência feminina e as contribuições inovadoras da autora para a literatura de viagens em Portugal.

Do ponto de vista metodológico, a investigação baseou-se numa leitura atenta e detalhada do diário, considerando tanto a forma como os eventos são narrados quanto os recursos literários utilizados. Foram privilegiadas estratégias de análise textual, comparando-se descrições, reflexões e juízos críticos com o contexto histórico e cultural da época. A abordagem incluiu também o cruzamento com fontes secundárias sobre literatura de viagem, história cultural e estudos de género, permitindo situar Maria Celina numa rede de referências intelectuais e culturais mais ampla. O método adotado favorece uma leitura que reconhece o diário não apenas como fonte histórica, mas também como espaço literário e reflexivo, capaz de produzir conhecimento sobre experiências culturais, sociais e pessoais.

Neste sentido, a dissertação propõe-se a analisar *o Diário de Nápoles a Jerusalém*, interrogando de que modo este transcende a dimensão do registo individual e constitui um documento de relevância social, cultural e literária. Para sustentar esta leitura, sistematizam-se seguidamente, em dois quadros, o itinerário e as interações culturais registadas no diário; na sequência, propõe-se uma leitura crítica de cada quadro.

Deste modo, a investigação situa o diário de Maria Celina num contexto histórico, literário e social, analisando a sua relevância enquanto obra pioneira de expressão feminina e enquanto instrumento de reflexão sobre cultura, identidade e alteridade. A introdução desta dissertação procura assim contextualizar o objeto de estudo, explicitar os objetivos da análise e sublinhar a originalidade e pertinência da pesquisa, preparando o terreno para os capítulos subsequentes, que exploram detalhadamente o contexto biográfico e histórico da autora, a estrutura e estilo do diário, os principais temas abordados e, por fim, as contribuições e o legado da obra.

1. O Diário de Viagem como Género Literário

O estudo do diário, em particular o diário de viagem, como género literário, oferece uma oportunidade única para compreender a interação entre a experiência pessoal, o contexto histórico e a forma narrativa. Este género, frequentemente considerado híbrido, combina elementos autobiográficos, narrativos e descritivos. Segundo Estébanez Calderón, no seu *Diccionario de Términos Literários*, o diário é um “escrito autobiográfico em que o autor deixa constância dos acontecimentos, relativos à sua pessoa e ao seu entorno, ocorridos em cada jornada, ao longo de um determinado período da sua vida” (Calderón, 1999, p.286, tradução própria).

Calderón distingue dois modelos fundamentais do género: o diário íntimo e o diário de viagens. Estes dois modelos podem coexistir em algumas obras, enriquecendo a narrativa ao mesclar introspeção pessoal com a observação do mundo. O diário íntimo, caracterizado por uma escrita introspetiva, permite ao autor explorar as suas emoções, pensamentos e crises existenciais. Um exemplo paradigmático é o *Diário Íntimo*¹, de Miguel de Unamuno, no qual se destacam os registos da sua crise religiosa de 1897. Outros exemplos incluem o *Diário Íntimo*², de Emilio Prados (1969) e o *Diário do artista Seriamente Enfermo*³, de Jaime Gil de Biedma (1974). Segundo Calderón a introspeção está presente e também significativa nos diários que são pensados como sendo após a morte do autor, como ocorre no *Diário Póstumo*⁴, de Ramón Gómez de la Serna (Calderón, 1999, p.287).

Já o diário de viagens centra-se na observação do mundo exterior e na interação com os locais visitados, sem excluir a subjetividade do autor. Este modelo é, segundo Calderón (1999, p.287), sintético e impressionista, combinando descrições de carácter cultural,

¹ Miguel de Unamuno, *Diário Íntimo* (1970), obra póstuma que reúne reflexões pessoais, angústias existenciais e pensamentos filosóficos, revelando a crise de fé e os questionamentos sobre a mortalidade do autor.

² Emilio Prados, *Diário Íntimo* (1966), obra do poeta espanhol da Geração de 27; combina reflexões pessoais com temas poéticos e filosóficos, abordando vida, exílio e criação artística, refletindo a experiência da Guerra Civil Espanhola e o exílio no México.

³ Jaime Gil de Biedma, *Diário do Artista Seriamente Enfermo* (1974), obra do poeta da “Geração dos 50” espanhola; mistura diário e ensaio, refletindo sobre literatura, criação artística, decadência física, sexualidade e passagem do tempo, com estilo irónico e introspetivo.

⁴ Ramón Gómez de la Serna, *Diário Póstumo* (1987), obra publicada após a morte do autor, importante escritor do modernismo espanhol; reúne textos pessoais com reflexões sobre a vida, ideias literárias e o mundo, em estilo fragmentário e humorístico.

geográfico ou cronológico com reflexões pessoais. O *Diário de Cristóvão Colombo*⁵ ilustra esta vertente, oferecendo um testemunho da personalidade do explorador e um registo único da época. Outro exemplo é o *Diário de Leandro Fernández*⁶, de Moratín, no qual o autor, por vezes, recorre ao latim para preservar a sua intimidade. Estes textos demonstram como o diário de viagens pode ser simultaneamente um relato objetivo e um espaço de expressão pessoal.

Mary Junqueira⁷, ao estudar o relato de viagem como género literário, sublinha também a sua natureza híbrida e multifacetada. Para a autora, o relato de viagem é “um corpus documental consideravelmente diversificado, sendo improvável encontrar homogeneidade entre essas fontes” (Junqueira, 2011, p. 45-46). Jam Borm reforça esta visão, afirmando que:

[...] é um problema definir o relato de viagem como objeto porque este é um ‘género composto por outros géneros literários’. Borm sustenta que se trata de uma espécie de género híbrido, já que se nutre de outros tipos de discurso. O crítico cita, entre os géneros comumente encontrados nos relatos de viagem, a ficção (romances, novelas, contos, poemas etc.), a autobiografia (ou escrita em si), os discursos científicos, textos memorialísticos, etc. (citado por Junqueira, 2011, p.55).

Esta complexidade permite que os relatos de viagem sejam lidos sob múltiplas perspetivas, como demonstra o exemplo de *Robinson Crusoe*⁸, de Daniel Defoe, que mistura elementos ficcionais e descritivos. Contudo, Junqueira adverte que a leitura de

⁵ Cristóvão Colombo, *Diário de Cristóvão Colombo* (1492), relato da primeira viagem ao Novo Mundo; combina registos de navegação com reflexões pessoais e religiosas, oferecendo perspetiva única sobre o encontro com novas terras e povos.

⁶ Leandro Fernández de Moratín, *Diário* (s.d.), obra pessoal do dramaturgo e poeta neoclássico espanhol; regista acontecimentos da vida quotidiana, reflexões sobre a sociedade, literatura e cultura, com clareza e ironia características do autor

⁷ Professora Associada do Departamento de História da FFLCH, Universidade de São Paulo; licenciada em História (1994) e doutorada em História Social (1998) pela USP; pós-doutorada pela University of Maryland (2004-2005). Atua na História da América, com ênfase nos Estados Unidos, Relações Interamericanas e manifestações transnacionais, privilegiando abordagens sobre poder, política e cultura. Atualmente coordena o programa de Pós-Graduação em História Social da USP

⁸ Daniel Defoe, *Robinson Crusoe* (1719), romance considerado um dos primeiros exemplos do romance moderno na literatura ocidental; narra a história de um marinheiro isolado 28 anos numa ilha deserta, abordando aventura, reflexão religiosa, solidão, resiliência e domínio da natureza.

uma obra depende do contexto narrativo: “ninguém lê Moby Dick da mesma forma com que lê o relato de viagem de Charles Darwin” (Junqueira, 2011, p. 56-57).

Outro elemento essencial no estudo do diário é a intertextualidade. Franco destaca que a intertextualidade pode ser ampla, referindo-se a ideias e intenções, ou restrita, através de relações explícitas com outros textos (Franco, 2011, p. 43-63). Este recurso enriquece o texto ao conectar o leitor com referências culturais e literárias, como se verifica nos *Diários*⁹ de Gaspar Melchor de Jovellanos, que combinam descrições de viagens pela Espanha com reflexões sobre a vida política e cultural da sua época.

A questão da veracidade é também central. *O Relato de Marco Polo*¹⁰, por exemplo, foi redigido por Rustichello de Pisa e não pelo próprio viajante, o que levanta questões sobre a autenticidade e a mediação literária do texto (Junqueira, 2011, p.51). Mais do que a veracidade factual, importa compreender “a verdade que [o autor] intencionou construir” (Junqueira, 2011, p.53), evidenciando o caráter construído do género.

Na literatura espanhola, Calderón menciona o Diário de um testemunho da guerra de África, de Pedro António de Alarcón (1859), como exemplo de registo coletivo, enquanto os diários franceses, com os de Montaigne, Alfred de Vigny e André Gide, demonstram a relevância cultural do género. B. Didier, citado por Calderón, afirma “O diário só foi considerado como género quando grandes escritores, como André Gide, o deram a conhecer ao público em vida.” (Calderón, 1999, p.287).

Como observa Eagleton, a classificação de um texto como literatura é instável e depende da sua receção:

⁹ Os *Diários* de Gaspar Melchor de Jovellanos são um conjunto de anotações pessoais que revelam os pensamentos, reflexões e preocupações do importante intelectual e reformista espanhol do século XVIII. Neles, Jovellanos compartilha as suas experiências, ideais sobre a educação, a política e a cultura, oferecendo uma visão íntima e crítica da sociedade espanhola da época. A obra é um valioso testemunho da sua vida e do seu papel nas correntes iluministas da Espanha.

¹⁰ Rustichello de Pisa, *O Relato de Marco Polo* (séc. XIII), narrativa baseada nas histórias contadas por Marco Polo durante o seu cativeiro em Génova; descreve as viagens do explorador à Ásia, incluindo a China e a corte de Kublai Khan, influenciando o imaginário europeu e inspirando futuras expedições.

O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado.

Nesse sentido, podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde Beowulf até Virginia Woolf, do que como várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita. Não seria fácil isolar, entre tudo o que se chamou de “literatura”, um conjunto consoante de características inerentes (grifos do autor). (Eagleton, 2006, p.13).

Conclui-se, portanto, que o diário, seja íntimo ou de viagens, é um gênero versátil e multifacetado, que articula a introspeção com o registo documental e se posiciona num espaço discursivo capaz de moldar percepções sobre o “eu” e o “outro”. É neste enquadramento que importa referir a formulação inaugural de Tim Youngs:

A escrita de viagens, pode argumentar-se, é o mais socialmente importante de todos os gêneros literários. Regista o nosso progresso temporal e espacial. Lança luz sobre a forma como nos definimos e como identificamos os outros. A construção do nosso sentido de ‘eu’ e ‘tu’, ‘nós’ e ‘eles’ opera a níveis individual e nacional e nos domínios da psicologia, da sociedade e da economia. Os processos de afiliação e diferenciação em jogo podem forjar alianças, precipitar crises e provocar guerras. (Youngs, 2013, p.1)

Além disso, a Literatura de Viagens é muitas vezes vista como um gênero híbrido, conforme sublinha J. M. Caluwé: “O gênero é uma nebulosa. É-nos continuamente exigido redefinir os seus limites.” (Caluwé, 1990, p.151). A sua estrutura, frequentemente associada à intertextualidade, demonstra a capacidade do gênero para se reconfigurar, reinventando as suas narrativas ao longo do tempo.

1.1.História do Gênero

A história da literatura de viagens reflete as transformações nas práticas de viajar ao longo dos séculos, bem como as mudanças nas motivações, na escrita das experiências e nas percepções culturais sobre o espaço e o “Outro”. Este gênero evoluiu gradualmente, acompanhando transformações sociais, políticas e económicas. Desde as viagens religiosas e comerciais até às práticas culturais de lazer e turismo, a literatura de viagens tornou-se uma forma capaz de articular tanto os aspetos concretos das jornadas quanto as experiências subjetivas do viajante.

A procura pelo desconhecido sempre foi uma motivação fundamental para os seres humanos. Ao deixar um espaço familiar e adentrar o território desconhecido, surgia uma curiosidade, uma necessidade de exploração que se traduzia em viagens. Inicialmente, essas deslocações tinham um caráter funcional, respondendo a questões políticas ou profissionais. Contudo, ao longo do tempo, a prática da viagem foi progressivamente orientada para um desejo mais íntimo de autoconhecimento, algo que Esmeralda Ramos descreve como um processo longo e gradual, que se estendeu por séculos. Tal como salienta:

Esta alteração não foi, contudo, uma mudança rápida. Foi o resultado de um longo processo, que se arrastou durante séculos. Vários entraves existiram que tornaram o processo moroso. Motivos políticos ou impedimentos relacionados com os meios de transporte são apenas dois exemplos dos muitos obstáculos experimentados. (Ramos, 2023, p.31).

Entretanto, o processo de transformação na natureza das viagens dependeu de avanços nos transportes, mas também de diversos obstáculos, como as limitações tecnológicas dos meios de transporte e os contextos políticos. Mesmo assim, com o passar do tempo, o número de viajantes aumentou e as viagens passaram a democratizar-se, dando origem ao fenómeno das movimentações de massas, como as associadas ao turismo moderno. Antes de se tornar uma prática cultural voltada para o lazer, a viagem fora do próprio reino era, muitas vezes, motivada por questões religiosas, principalmente no contexto da evangelização do cristianismo, a par de razões políticas, económicas e comerciais.

Percy G. Adams, na sua obra *Travel Literature and the Evolution of the Novel*¹¹, observa que a difusão do cristianismo foi um dos principais motores das viagens durante a época das grandes navegações, mencionando como as expedições do século XVI à América Latina e ao Norte da América, entre outras, tinham como objetivos não apenas o comércio e a colonização, mas também a propagação da fé cristã. Como Adams afirma:

Os navios que navegaram para oeste até o Novo Mundo no século XVI trouxeram europeus que exploraram toda a América do Sul e o México, e grande parte da

¹¹ Percy G. Adams, *Travel Literature and the Evolution of the Novel* (1983), obra que explora a relação entre a literatura de viagens e o desenvolvimento do romance moderno, analisando como os relatos dos séculos XVII e XVIII influenciaram a narrativa ficcional e moldaram o género do romance.

América do Norte, enquanto procuravam ouro, colonizavam, buscavam uma passagem do Noroeste para Catay, levavam o Cristianismo aos nativos e, mesmo antes de 1600, construíam grandes catedrais e universidades. (Adams, 1983, p.52, tradução própria).

A descoberta do Novo Mundo, conforme Ramos destaca, foi um fator crucial para o aumento do número de viagens, ampliando as motivações para a exploração de novos territórios. Além da religião, o comércio e a troca de bens foram grandes impulsionadores das viagens, o que resultou no surgimento de novas figuras associadas à jornada, como comerciantes, exploradores, guerreiros, médicos, botânicos, educadores e políticos. Ramos observa que essa diversidade de ocupações associadas à prática de viajar refletia o leque de interesses de diferentes grupos que procuravam, por diversas razões, explorar terras e povos distantes.

A descoberta do Novo Mundo conduziu a um crescimento exponencial do número de viajantes e dos motivos pelos quais tais viagens eram realizadas. A par com os motivos religiosos, um dos motores maiores mais proeminentes para a realização de viagens eram, de facto, motivos de comércio, de troca de bens. (Ramos, 2023, p.32).

No entanto, antes do *Grand Tour* o que deu origem ao grande movimento literário de viagens, os Descobrimentos apresentam uma vasta produção. Durante essa época, a necessidade de conhecer o "Outro", especialmente as terras desconhecidas da África e do Novo Mundo, tornou-se premente. Como destaca Ramos, a produção de relatos de viagem, como diários de bordo e itinerários, foi mais frequente durante esse período, pois esses textos permitiam que as experiências dos viajantes fossem compartilhadas com aqueles que, por questões sociais ou de género, não podiam viajar (Ramos, 2023, p.33). Esses relatos passaram a ser também um meio de documentação das novas descobertas, algo que tinha grande importância política, visto que as autoridades precisavam de informações sobre as novas terras e os seus recursos. De acordo com Ramos:

Com a vasta panóplia de textos de viagens que começaram a ser escritos, um *corpus* textual extremamente heterogéneo foi-se constituindo, dando, mais tarde, lugar. Uma progressiva identificação com o que se passou a dominar de literatura de viagens, expressão ainda hoje desafiante no que toca à sua definição e delimitação de fronteiras. (Ramos, 2023, p.33).

A partir do século XVII, um fenómeno cultural importante que contribuiu para o aumento das viagens na Europa foi o *Grand Tour*. Este consistia numa viagem pela

Europa realizada por jovens aristocratas, especialmente da Inglaterra, após o término dos seus estudos, com o objetivo de expandir os seus conhecimentos e refinar a educação. Como observa Esmeralda Ramos (Ramos, 2023, p.32), o *Grand Tour* tornou-se tão popular entre a elite inglesa que permaneceu uma prática até o início do século XX. Adams, por sua vez, afirma que esse fenómeno gerou uma vasta produção literária, a qual se tornava uma forma de inspiração, referência ou até mesmo sátira:

O Grand Tour manteve-se popular até ao século XIX e, de facto, sempre existiu de uma forma ou de outra, produzindo sempre um grande corpo de literatura para ser lido e imitado, usado como guia e inspiração, ou satirizado. Os séculos XVII e XVIII, no entanto, continuam a ser considerados, e com razão, como a era do Grand Tour. (Adams, 1983, p.66, tradução própria).

Já no século XVIII, houve uma procura crescente por textos de viagens, mas foi no século XIX que essa procura atingiu o auge, impulsionada pela maior facilidade nas deslocações e pelo crescimento do fenómeno turístico. O romantismo influenciou profundamente a maneira como os viajantes viam o mundo, deslocando o foco das viagens de motivos profissionais ou religiosos para motivações mais pessoais. Como Ramos salienta:

Se o século XVIII assiste a uma grande procura de textos ligados a viagens acontecidas, o século XIX verá essa procura amplificada, com o aumento da facilidade nas deslocações e com o despertar de uma prática cultural da viagem que a emergência do fenómeno turístico potenciará. (Ramos, 2023, p.33).

Em relação à literatura de viagens, um dos aspetos centrais é a forma como o viajante percebe e interpreta o espaço que encontra. De acordo com Esmeralda Ramos, o espaço descrito nos relatos de viagem não é o espaço físico real, mas sim uma interpretação pessoal do viajante, mediada pela sua visão do mundo e pelas representações sociais do seu grupo. Vila-Boas (2018, p.89) corrobora essa ideia, destacando a importância do “polissensorialismo” na descrição do espaço, ou seja, a maneira como o viajante utiliza os sentidos para construir a sua perceção do ambiente que está a explorar. O espaço descrito em textos de viagem não é, portanto, um reflexo simples da realidade, mas uma construção subjetiva, muitas vezes impregnada de estereótipos culturais e sociais.

A imaginação desempenha um papel fundamental na construção dessa perceção do espaço. Não se trata apenas de uma reprodução fiel da realidade, mas de uma produção

de uma nova realidade, que pode ser influenciada tanto por concepções individuais quanto por representações coletivas da cultura de origem do viajante. Como afirma Vilas-Boas “Este Outro que encontramos nos textos não é nada mais do que uma construção: o Outro e a Alteridade – o povo e o país – só podem ser encontrados no próprio sujeito.” (Vilas-Boas, 2008, p. 88, tradução própria)

Do mesmo modo, Cabete sugere que a literatura de viagens é um espaço privilegiado para a construção do imaginário em torno do “Outro”:

A literatura é, por conseguinte, o espaço onde, por excelência, se enuncia o encontro com o outro, contribuindo para criar todo um imaginário a seu respeito. Neste sentido, a escrita potencia a representação de arquétipos e de tópicos sócio-culturais [...] tornando-se numa espécie de «oficina» do imaginário, nutrindo-se de temas diversificados como a diferença/indiferença, o exílio, a distância e revestindo a forma de imagens, estereótipos ou de mitos. (Cabete, 2010, p.101).

No contexto da literatura, a viagem e os relatos de viagem têm sido, ao longo da história, uma expressão dessa interação complexa entre o ser humano e o mundo exterior. Desde a Antiguidade, as viagens não são apenas entendidas como deslocamentos, mas como experiências que envolvem transformação, autoconhecimento e uma reconfiguração dos próprios valores e percepções. Textos como a *Odisséia*, de Homero, ilustram essa dualidade entre deslocamento físico e autoconhecimento.

Entretanto, a relação entre a viagem e o relato começou a mudar à medida que o império romano cedeu lugar a novos paradigmas históricos. A partir do século XI, com as Cruzadas, as viagens passaram a estar associadas a uma dinâmica de conquista e confronto entre culturas. O objetivo da viagem já não era unicamente o de explorar e aprender, mas o de dominar, o que gerou uma literatura de viagem com um forte caráter colonial. O autor de viagem estava frequentemente imerso num olhar etnocêntrico, que visava não apenas descrever, mas classificar e submeter os povos e culturas visitadas. Como bem observa Sônia Serrano, citando Fernando Cristóvão, o outro, muitas vezes, era visto como “alguém a dominar” e a “tornar igual a nós” (Serrano, 2024, p.21).

Nos séculos XVII e XVIII, viagens científicas enriqueceram a literatura de viagens, enquanto, no século XIX, o turismo trouxe um foco introspectivo e sensorial. Cristóvão descreve as mudanças trazidas pelo turismo:

Quando o barco foi substituído pelo comboio, e os critérios e práticas gregárias preferem os jornais e os telegramas das agências noticiosas às narrativas longas. O turismo alterou completamente os hábitos ancestrais da viagem, da leitura e da narração, fechando um ciclo de literatura de viagem e iniciando uma realidade diferente. (Cristóvão, 1999, p.28).

Se antes o foco estava na descoberta e na conquista, o novo turista já não viajava com os mesmos objetivos, mas com o propósito de vivenciar experiências pessoais e coletar memórias do mundo. Este novo tipo de viagem, mais introspectivo e voltado para a experiência estética e sensorial, reflete-se também na literatura de viagem, que se torna mais pessoal, subjetiva e focada nas impressões individuais.

Acompanhando o advento do turismo, o Diário de Viagem aumenta a sua importância literária, pois permite ao autor não só refletir sobre os lugares visitados, mas também sobre si mesmo, as suas próprias percepções e transformações. Como escreve Sônia Serrano:

Viajar é essencialmente *descobrir*, descobrirmo-nos a nós e o reflexo de nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobrirmos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas. Mas, *é preciso saber ver*. (...) O que importa é o que se vê e como se vê, o *processo de transformação mental* que se opera e nos transforma. (Serrano, 2014, p.17).

Nesse sentido, o Diário de Viagem permite que o autor não apenas descreva os lugares, mas também exponha as suas próprias mudanças, conflitos e descobertas ao longo do percurso. A viagem torna-se, assim, uma metáfora para o processo contínuo de autodescoberta e reflexão sobre a própria vida e sobre o mundo.

O Diário de Viagem, mais do que um simples relato de deslocamento, oferece uma janela para a compreensão das diversas formas de interação humana com o mundo. Ao longo do tempo, este género foi capaz de se adaptar aos contextos históricos, sociais e culturais, refletindo a evolução das práticas de viagem e das formas de pensar o "outro". Na contemporaneidade, enquanto o turismo se massifica e as tecnologias facilitam a mobilidade, o Diário de Viagem mantém a sua essência ao ser uma forma de testemunho único e pessoal, capaz de capturar, de forma íntima e profunda, as nuances das experiências individuais e coletivas, além de servir como um espelho das transformações da sociedade e da cultura ao longo das gerações.

A história da Literatura de Viagens é marcada por uma constante redefinição, fruto de um processo dinâmico de metamorfose textual. Esta evolução está intrinsecamente ligada ao contexto histórico e cultural em que as obras são produzidas, bem como às transformações nos conceitos literários ao longo do tempo. Jean-Marie Schaffer observa “De todos os campos em que se desenvolve a teoria literária, o dos géneros é, sem dúvida, um dos que apresenta maior confusão” (Schaeffer, 1986, p.179, tradução própria).

Este comentário sublinha as dificuldades associadas à classificação dos géneros, em particular num campo tão fluido como o da Literatura de Viagens. Ao longo da sua história, este género demonstrou uma notável capacidade de adaptação, incorporando elementos de diversas tradições narrativas. Glenn Hopper e Tim Youngs destacam:

Uma das observações mais persistentes sobre a escrita de viagens é, então, a sua absorção de estilos e géneros narrativos diferentes, a forma como se transforma e mistura sem esforço qualquer número de encontros imaginativos, e o seu potencial de interação com uma ampla gama de períodos históricos, disciplinas e perspectivas. (Hopper e Youngs 2004, p.3, tradução própria).

Esta perspetiva reforça a ideia de que a Literatura de Viagens, enquanto género, está em constante diálogo com outras formas de expressão literária. A evolução deste género é também marcada por uma tensão entre tradição e inovação.

Em suma, a literatura de viagens permanece um testemunho valioso da interação humana com o mundo, adaptando-se às transformações históricas, sociais e culturais. O Diário de viagem, em particular, destaca-se como um género que combina observação e reflexão, permitindo que o viajante compartilhe a sua visão única do mundo. Num contexto moderno, com o advento de novas tecnologias e redes sociais, o género continua a reinventar-se, provando a sua relevância e vitalidade como meio de expressão humana e registo cultural.

1.2. Características dos Diários de Viagem

Os Diários de Viagem, enquanto género literário, caracterizam-se pela diversidade de propósitos que perseguem, combinando elementos narrativos e informativos com o objetivo de proporcionar ao leitor uma visão das culturas, geografias e realidades observadas pelo autor durante os seus deslocamentos.

Um exemplo paradigmático deste género é a obra *Lettera di Matilde Perrino ad un suo amico nella quale si contengono alcune sue riflessioni fatte in occasione del suo breve viaggio per alcuni luoghi della Puglia* (Perrino, 2006) consiste num conjunto de cartas escritas por Matilde Perrino durante uma breve viagem pela região da Puglia, em Itália. Esta obra permite observar a viagem sob a forma epistolar, um formato que confere ao relato uma dimensão pessoal, reflexiva e intimista. A escolha desta obra justifica-se pelo valor enquanto exemplo paradigmático do diário de viagem feminino do século XIX, combinando observações culturais, sociais e geográficas com reflexões pessoais da autora.

O relato de Perrino ilustra bem as características típicas deste género, especialmente pela adoção da forma epistolar, que se distingue como uma ferramenta de grande flexibilidade, permitindo-lhe estruturar a narrativa de forma autêntica e profundamente pessoal. Ao adotar esta forma, Perrino teve a liberdade de integrar reflexões íntimas, referências históricas, observações socioeconómicas e até citações eruditas de autores clássicos, como Virgílio, Cícero, Horácio e Catão. Este estilo de narração não apenas enriquece o texto, mas também permite uma gestão autónoma da história, ao mesmo tempo que preserva uma proximidade com o leitor, alcançando um tom confidencial, tanto com o destinatário da carta quanto com o público em geral. A autora, consciente da possibilidade de que o seu trabalho viesse a ultrapassar os limites do destinatário original, antecipa leitores futuros com um pedido de indulgência e compreensão, conforme expresso na seguinte passagem:

Espero que, ao ler estas minhas cartas, com aquela benignidade que é própria do vosso espírito, lhes dediquem toda a compreensão, e as considerem como produção juvenil de quem apenas quis obedecer aos vossos comandos, e assim também confio que assim desejará qualquer outra pessoa sábia, nas cujas mãos esta carta pudesse chegar. (Perrino,2006, p.9, tradução própria)

Esta passagem demonstra a humildade da autora, que oferece as suas impressões como uma produção juvenil e espontânea, mas ao mesmo tempo confia que será recebida com a compreensão de um público mais amplo e intelectualmente sofisticado. Este pedido de indulgência reflete a natureza pessoal e quase íntima do género epistolar, que aproxima a autora do seu público, criando uma sensação de cumplicidade e confiança.

A obra de Perrino segue a estrutura típica dos livros de viagem do século XVIII, sendo composta por duas partes principais: uma primeira sob a forma de diário ou epístola e uma segunda, mais analítica, sob a forma de ensaio. A opção por essa estrutura não só confere diversidade ao texto, mas também amplia o seu alcance, permitindo à autora conciliar um tom mais subjetivo e pessoal com uma abordagem objetiva e informativa. O seu objetivo era, em grande parte, educativo e informativo, proporcionando ao leitor uma análise detalhada sobre a agricultura, a economia e a sociedade local. Contudo, essa vertente pedagógica não impede a autora de atrair o leitor através de anedotas e descrições pitorescas sobre os costumes locais, o que torna a obra simultaneamente instrutiva e cativante. Ao alternar entre análises científicas, explicações médicas e digressões filosóficas, Perrino revela uma vasta bagagem cultural e uma curiosidade intelectual que não se limita ao superficial. A autora procura dar profundidade ao seu relato, indo além da descrição das paisagens ou dos hábitos locais e oferecendo ao leitor uma reflexão mais ampla sobre as condições sociais e culturais da região que visita.

Além disso, o léxico utilizado por Perrino demonstra a riqueza e a diversidade de saberes que a autora incorpora no seu relato. Ao longo da obra, encontramos termos especializados nas áreas da medicina, da economia, da filosofia e da agricultura, mas também expressões que provêm diretamente do dialeto local, como *avvinacciare* (fermentar a uva amassada por quatro ou cinco dias) e *cerri* (ramos da videira). Estas expressões, que podem ser incompreensíveis para leitores não familiarizados com a região, conferem ao texto um grau de autenticidade que é, ao mesmo tempo, uma marca de identidade cultural e um reflexo das práticas quotidianas da população local. Essa utilização de terminologia técnica e de elementos culturais específicos contribui para tornar o relato mais realista e vívido, ao mesmo tempo que sublinha as disparidades entre a vida nas províncias e nas grandes cidades, como Nápoles. Por exemplo, ao discutir a falta de hospitais na província, Perrino observa: “Seriam de grande alívio os Hospitais públicos, como é costume na nossa Nápoles.” (Perrino, 2006, p.33, tradução própria), sugerindo que a implementação de políticas mais adequadas poderia melhorar as condições de saúde nas províncias, aproximando-as da realidade da capital.

O texto de Perrino vai ainda além de uma simples descrição de viagens ou de um diário pessoal; funciona como uma reflexão crítica sobre a sociedade e o estado das províncias do Reino das Duas Sicílias. Ao abordar as questões sociais e políticas, como as disparidades regionais e a necessidade de reformas estruturais, Perrino posiciona-se como uma observadora atenta e uma pensadora crítica, algo que era relativamente raro

para uma mulher da época. O seu trabalho não só revela a situação concreta do Reino, mas também reflete o espírito iluminista que caracterizava a época, em que as questões de progresso, educação e reforma social estavam no centro do debate intelectual. A sua escrita, ao mesmo tempo crítica e propositiva, representa um “nobre exemplo de literatura feminina.” (Perrino, 2006, p.38, tradução própria), um modelo de como a literatura feminina podia intervir de forma significativa nas questões culturais e sociais do seu tempo.

Como sublinha Carmine Fimiani¹², a obra de Perrino tem um grande valor cultural, não apenas por ser um testemunho das condições da época, mas também por poder servir de inspiração para outras mulheres da época, encorajando-as a se envolver na produção literária e a contribuir para a "glória da nossa Itália" e para o “esplendor do nosso século” (Perrino, 2006, p.38, tradução própria). A autora, assim, não só relata a realidade da sua viagem, mas também desempenha um papel importante no desenvolvimento da literatura e da cultura do seu tempo, especialmente no que diz respeito à participação das mulheres na escrita pública.

Os relatos de viagem são profundamente intertextuais, sendo que a construção da narrativa não é apenas uma descrição factual do que o viajante observou, mas uma recriação do olhar que o autor projeta sobre o mundo. Esta intertextualidade reflete-se nas referências literárias e culturais que o autor traz consigo, ao mesmo tempo que dialoga com as narrativas anteriores e as interpretações que outros viajantes fizeram dos lugares e das pessoas que encontrou.

Como assinala Maria de Fátima Outeirinho:

Na verdade, a narrativa de viagem que se expande e procura legitimar-se enquanto género no século XIX, investe grandemente na convocação de uma biblioteca mental de que o viajante é portador, na construção e afirmação de uma tradição do género, dando a conhecer sinais de pertença a uma família de textos e autores com os quais dialoga nem que pela mera alusão. (Outeirinho, 2008, p. 73).

¹² Carmine Fimiani, académico e investigador italiano, com contribuições em literatura comparada e estudos culturais; foca-se em relações interculturais, dinâmicas de poder e identidade em narrativas literárias, e na análise crítica de obras em contextos históricos e sociais, destacando-se pelo seu trabalho interdisciplinar.

Essa biblioteca mental é composta por um vasto conjunto de referências literárias, históricas e culturais, que o autor-viajante utiliza para interpretar o seu próprio percurso e o território que está a explorar. As viagens, sendo muitas vezes precedidas por relatos e descrições de outros viajantes, são moldadas por aquilo que os autores anteriores disseram, criando uma continuidade de olhares e experiências que se reconfiguram a cada nova narrativa.

O movimento de um ponto a outro, que é a base do diário de viagem, não se limita a um simples deslocamento físico; implica uma transposição do olhar, uma transformação da forma como o autor percebe e descreve o outro. Ao longo do percurso, o autor-viajante vai assumindo uma postura crítica e interpretativa em relação ao que observa, podendo contrastar a realidade do novo espaço com as suas próprias vivências e com a tradição literária a que pertence. Como sublinha Amílcar Torrão:

Os livros de viagem fornecem um testemunho ocular, informações que nenhum outro tipo de fonte oferece, mas devem ser consultados com precaução, pois as opiniões dos viajantes sofrem todo tipo de variação, de acordo com seu humor, estado de saúde, bem ou mal tempo etc. Apesar da parcialidade que pode haver num relato deste tipo, eles serão sempre úteis, para Babeau, pois os viajantes “viram o que contam”, e quase sempre podem dizer “Eu estive lá, tal coisa me sucedeu” (Torrão, 2011, p.121)

Esta subjetividade é uma característica intrínseca ao género, já que o olhar do viajante nunca é neutro nem imparcial, mas sempre filtrado pela sua experiência pessoal. A imparcialidade do olhar é uma questão debatida por diversos autores. Mary Pratt, em particular, demonstra como esse olhar é historicamente situado e imbuído de relações de poder. A estudiosa afirma:

O protagonista principal da anti-conquista é uma figura a que por vezes chamo o *seeing-man*, um rótulo, reconheço, pouco simpático, para o sujeito masculino europeu do discurso paisagístico europeu — aquele cujos olhos imperiais olham passivamente e possuem. (Pratt, 2008, p.7, tradução própria).

Em vez de reiterar a ideia de uma “distorção” do real, importa reconhecer a plasticidade do diário de viagem: pode reproduzir hierarquias, mas também deslocá-las. Torna-se decisivo observar como as narradoras organizam o ponto de vista (quem olha e a partir de onde), o regime de prova (testemunho, citação, comparação), a retórica da proximidade (afetos, corporeidade, quotidiano) e a atitude ética perante a alteridade.

Nesta grelha de leitura, a escrita de viagem revela frequentemente a convivência entre traços do olhar imperial e gestos de mediação, empatia e crítica social — terreno onde se inscrevem relatos como os de Matilde Perrino e, adiante, o de Maria Celina Sauvayre da Câmara.

No entanto, é importante notar que, em algumas obras de viagem, a questão do olhar imperialista é questionada ou até subvertida. As narrativas de autoras como Matilde Perrino, por exemplo, oferecem uma perspectiva que desafia a visão tradicional da viagem enquanto um ato de conquista ou domínio. A autora não só descreve as condições das províncias do Reino das Duas Sicílias, como também propõe uma análise crítica das desigualdades sociais e políticas que as caracterizam. Este tipo de narrativa vai para além da mera observação; ela assume uma postura educativa e reflexiva, em que o autor-viajante tenta não apenas relatar a realidade, mas também questioná-la e propor soluções. Ao fazê-lo, utiliza um vasto leque de referências culturais, filosóficas e científicas, que enriquecem a sua escrita e tornam o relato mais denso e multidimensional.

Este tipo de escrita de viagem não se limita a ser um simples conjunto de observações sobre o que o viajante viu, mas é uma reflexão sobre o que esse olhar revela sobre o autor e sobre o mundo em que ele está inserido. Como Maria Helena P. T. Machado¹³ (1999) observa:

Enquanto base de um género literário a literatura de viagem serviu para suprir as necessidades de cultura, educação e lazer das nascentes classes médias europeias e norte-americanas, construindo, entre outras coisas, um repertório comum a respeito dos povos selvagens e um consenso sobre a necessidade da intervenção do homem branco no mundo pós-colonial que então se esboçava. (Machado, 2000, p.284)

Outro aspeto relevante da literatura de viagem é o perfil identitário de quem escreve. Durante séculos, o género foi moldado por um sujeito observador codificado como masculino no discurso europeu da paisagem e da história natural. Como sintetiza Mary Pratt:

¹³ Maria Helena P. T. Machado, académica e investigadora brasileira, especializada em literatura comparada e estudos literários; destaca-se pelo estudo da literatura brasileira e portuguesa, explorando identidade, alteridade e dinâmicas culturais, com ênfase nas interações entre Brasil e Portugal.

o protagonista principal da anti-conquista é uma figura a que por vezes chamo o *seeing-man*, um rótulo, admito, pouco simpático, para o sujeito masculino europeu do discurso paisagístico europeu – aquele cujos olhos imperiais olham passivamente e possuem. (Pratt, 2008, p.7, tradução própria).

As mulheres, nesse contexto, enfrentaram muitas dificuldades em participar deste género literário, sendo-lhes frequentemente negada a possibilidade de explorar o mundo de forma "séria". Isso não impediu, no entanto, que algumas mulheres desafiantes escrevessem sobre as suas próprias viagens e experiências. Entre elas destacam-se Matilde Perrino, Maria Graham, que relatou a sociedade brasileira no século XIX em *Journal of a Voyage to Brazil*¹⁴, e Ida Pfeiffer, exploradora austríaca que descreveu a suas viagens por diversos continentes em *Eine Frauenfarth um die Welt*¹⁵. Estes exemplos demonstram que, mesmo em contextos predominantemente masculinos, algumas mulheres conseguiram produzir obras de relevância, embora muitas vezes os seus relatos não recebam o mesmo reconhecimento que as narrativas masculinas.

A literatura de viagem, enquanto género, reflete não só o movimento físico do viajante, mas também as suas próprias construções identitárias, culturais e sociais. Ela serve para afirmar um certo olhar sobre o mundo, ao mesmo tempo que questiona as noções de autoridade e identidade que o autor-viajante transporta consigo. Através de uma análise crítica, tanto da realidade local, quanto da sua própria formação cultural, o escritor de viagem procura sempre criar uma imagem do outro, mas também, muitas vezes, revela a complexidade da sua própria relação com o mundo que descreve.

Assim, o diálogo entre o autor-viajante e o outro é, por excelência, uma construção de múltiplas camadas, em que as ideias, os valores e as percepções do viajante moldam, e muitas vezes distorcem, as imagens do que é visto. Essa interação contínua, muitas vezes

¹⁴ Relato de viagem escrito por uma mulher britânica durante a sua estadia no Brasil, cobrindo os anos de 1821 a 1823. A obra combina observações pessoais, descrições detalhadas da sociedade brasileira, comentários sobre a cultura local, a flora e a fauna, bem como reflexões sobre a independência do Brasil e as mudanças políticas e sociais do período. Destaca-se pela perspectiva única de uma viajante feminina numa época em que os relatos de viagem eram predominantemente masculinos.

¹⁵ Relato de viagem escrito por Ida Pfeiffer, exploradora austríaca, que descreve as suas experiências durante viagens por diversos continentes, incluindo Brasil, Chile, Tahiti, China, Hindustão, Pérsia e Ásia Menor. A obra combina observações detalhadas sobre paisagens, culturas e sociedades, oferecendo uma perspectiva única de uma mulher viajante no século XIX. Destaca-se pelo rigor das descrições, pelo espírito aventureiro da autora e pela abordagem pioneira de uma mulher em contextos predominantemente masculinos.

subconsciente, resulta numa escrita que não só documenta a viagem, mas também a interpreta, dando-lhe um significado que vai além do físico.

O relato de viagem, enquanto género literário, é um terreno fértil para a construção de múltiplas camadas de significados, sendo capaz de englobar diferentes dimensões, desde o relato factual até à interpretação subjetiva das experiências vividas pelo autor-viajante. A partir da análise dos diários de viagem, é possível perceber como este género se relaciona com diversas áreas do saber, como a literatura, o jornalismo e até a escrita pessoal ou familiar. Neste contexto, o narrador-viajante – seja ele um escritor, jornalista ou turista – vai além de uma mera descrição dos lugares visitados, procurando oferecer uma interpretação das culturas e dos indivíduos com quem teve contacto ao longo da sua jornada. O que torna este género particularmente interessante é o seu carácter multimodal e dinâmico, que se adapta a diferentes formatos, como livros, blogs, reportagens ou até registos orais, permitindo uma pluralidade de formas de expressão. Como refere Silveira (2019, p.89), "o relato de viagem é escrito em livros, revistas, jornais ou blogs" e, no formato oral, pode ser difundido através de "meios de comunicação social (televisão, rádio, internet) ou em contextos mais familiares ou quotidianos", o que enriquece ainda mais a sua receção.

A natureza do relato de viagem também permite que a experiência do narrador seja impregnada de subjetividade, dado que este frequentemente adota um discurso na primeira pessoa (singular ou plural), algo que confere um tom pessoal e intimista à sua escrita. Esta escolha do ponto de vista implica uma forte presença do eu-lírico, que não só descreve o que vê e sente, mas também exprime as suas próprias reflexões, impressões e julgamentos sobre o que observa. Este traço confere ao texto uma autêntica profundidade, na medida em que o narrador-viajante não se limita a relatar uma experiência, mas se envolve emocional e intelectualmente com ela. Segundo Silveira (2019, p.91), "o relato de viagem caracteriza-se pelo discurso de 1.^a pessoa (do singular ou do plural), marca linguística que evidencia a implicação de um produtor textual". Essa implicação é a chave para entender a riqueza e a complexidade do relato, pois o viajante não é apenas um observador passivo, mas um intérprete ativo das culturas e espaços que explora.

Além disso, um aspeto fundamental da literatura de viagem é o seu poder de criar uma ponte entre o espaço físico percorrido e o imaginário cultural, histórico e social do autor. O olhar do viajante, ao descrever um lugar ou uma cultura, é inevitavelmente

condicionado pela sua formação pessoal e pela bagagem cultural que carrega consigo, o que resulta numa narração profundamente influenciada por referências literárias, históricas e até filosóficas. Como já foi destacado, as narrativas de viagem não se limitam a uma simples cartografia de lugares, mas são uma reconstrução do olhar do autor sobre o “outro”. Maria de Fátima Outeirinho enfatiza que “a narrativa de viagem que se expande e procura legitimar-se enquanto género no século XIX, investe grandemente na convocação de uma biblioteca mental de que o viajante é portador” (2008, p.73), uma biblioteca que, ao ser evocada ao longo do texto, revela as várias camadas de identidade e de visão que o autor impõe ao espaço que descreve.

O carácter multimodal e intertextual do relato de viagem é outra característica que o distingue, permitindo-lhe ser transmitido e lido de formas diversas. Como Silveira (2019, p.90) sublinha, o relato de viagem "tem um carácter multimodal", podendo ser apresentado em formatos como livros, artigos de jornal, registos audiovisuais ou até em blogs pessoais. Essa flexibilidade permite que o género se adapte às novas tecnologias e formas de comunicação, mantendo, no entanto, a sua essência de relato subjetivo e interpretativo da experiência vivida. Além disso, a organização temporal do relato de viagem, muitas vezes retrospectiva, faz uso de "localizadores com valor espacial e temporal" que ajudam a dar um sentido de percurso e movimento, como o uso predominante dos tempos verbais do passado (pretérito perfeito e imperfeito) ou do presente histórico (Silveira, 2019, p.91).

Em síntese, o relato de viagem é um género literário que, através da intertextualidade, da subjetividade e da multifacetada estrutura narrativa, proporciona uma visão não só dos lugares visitados, mas também das conceções de mundo e identidade do autor. Através de uma escrita marcada pela primeira pessoa, o autor-viajante transmite, ao mesmo tempo, as suas impressões pessoais e uma visão crítica e analítica da sociedade e das culturas com que se depara, muitas vezes desafiando as convenções e ideologias dominantes. Este género, como já foi dito, é um campo fértil para a exploração de temas como o poder, a identidade e a alteridade, funcionando tanto como um veículo de registo e informação quanto como uma plataforma de reflexão e transformação.

2. A Tradição do Diário de Viagem Feminino no século XIX

O século XIX foi um período de transformações profundas que redefiniram o papel das mulheres na sociedade, abrindo novas oportunidades de participação cultural, educativa e intelectual. O aumento da escolarização feminina permitiu não apenas a alfabetização de um número crescente de mulheres, mas também o acesso a conhecimentos literários, científicos e artísticos, conferindo-lhes ferramentas para observar, refletir e escrever sobre o mundo. Paralelamente, a expansão da imprensa periódica e da circulação de obras literárias possibilitou a criação de uma esfera pública na qual a mulher podia interagir com ideias, debates e redes de leitura, reforçando a legitimidade da sua voz intelectual. À luz dessas transformações:

Manter um diário, como uma atividade privada por excelência, por um lado funcionava como uma válvula de escape que permitia a confissão de sentimentos reprimidos pelos padrões da sociedade da época, que valorizava o autocontrole e a prudência. É nesse contexto que o diário íntimo e pessoal desempenhava o papel de amigo, confidente ou companheiro por procuração, aliviando as tensões acumuladas dentro da ordem social rígida e repressiva. (Machado, 2011, p.171)

Neste contexto, o diário de viagem feminino consolidou-se como gênero literário distintivo. Ao contrário da narrativa masculina, frequentemente marcada pelo exotismo, conquista e superioridade colonial, a escrita feminina privilegiava uma observação detalhada e empática, centrada na vida quotidiana, nos costumes e nas relações humanas. As autoras registavam não apenas paisagens e itinerários, mas também experiências íntimas, emoções e reflexões sobre a sua própria identidade. Esta combinação entre descrição externa e análise interna conferia aos diários femininos uma riqueza narrativa e uma complexidade que os torna fonte insubstituível para o estudo da cultura, do gênero e da história social do período.

O diário de viagem feminino não se limitava à função literária ou estética. Representava, simultaneamente, um espaço de intervenção social e cultural. A escrita permitia às mulheres documentar experiências e transmitir conhecimentos, assertivamente posicionando-se no debate público. Esta prática revelava uma dimensão ética e política: ao relatar condições de vida, direitos e limitações das mulheres em diferentes contextos culturais, muitas autoras criavam uma forma de solidariedade

transnacional e questionavam normas patriarcais, propondo alternativas à percepção ocidental dominante sobre o papel feminino. A atenção aos direitos das mulheres, à autonomia, à educação e à participação social surgia assim como eixo transversal nos relatos, articulando experiências de viagem com reflexão crítica sobre gênero e sociedade. Como sublinha Paolinelli:

Ora, a literatura traz a criança e ao adulto precisamente a possibilidade de contactar com espaços, tempos e gentes diferentes, desenvolvendo a sua empatia e sociabilidade. Não se trata aqui de uma questão de carácter moral, mas ser empático aumenta a capacidade de se viver em comunidade e de contribuir para a sua estabilidade. (Paolinelli, 2022, p.97)

Nesse sentido. Ao escrever sobre o seu percurso e observações, as autoras de diários de viagem criavam uma forma de empatia com culturas e pessoas distantes, aproximando o leitor do outro. Paolinelli reforça ainda que:

A literatura aciona exatamente os mecanismos de imitação, de espelho, permitindo mimar e sentir personagens, situações, sentimentos, desenvolvendo a nossa capacidade de sociabilidade. Pode-se, assim, trabalhar com o pressuposto da existência de uma identificação empática do leitor com o “eu-nos” do texto, mas também com a possibilidade da transformação do “outro” em um “tu” com o qual se dialoga. (Paolinelli, 2022, p. 192).

Além disso, a dimensão ética e formativa da escrita ficava patente quando se condissera que, como destaca Paolinelli:

Uma educação ou tem em conta todas as aspirações do homem ou não passa de um logro. Pretender construir uma ‘ciência’ da educação sem que nela influa, para nada, nem a moral nem a metafísica e edificar sobre a areia. E o todo do homem que esta em causa e não apenas a inteligência. (Paolinelli, 2022, p.97)

Nesse contexto, o diário de viagem feminino não funcionava apenas como registo de experiências, mas como instrumento de reflexão crítica e de promoção de consciência social, cultural e ética, conferindo às autoras uma voz ativa na construção de novas formas de compreender e interagir com o mundo.

A mobilidade, elemento central da experiência feminina, assumia significados múltiplos. A distância do lar não era apenas física, mas simbólica, representando

emancipação da esfera doméstica tradicionalmente associada ao feminino. As viajantes enfrentavam territórios desconhecidos, desafiavam condições climáticas e sociais adversas e lidavam com preconceitos sobre a sua capacidade de resistência e julgamento. Este deslocamento implicava também a construção de autoridade sobre a própria narrativa: a mulher que escrevia sobre a sua viagem afirmava autonomia intelectual e legitimidade cultural, questionando hierarquias de género que durante séculos haviam limitado o acesso feminino ao espaço público e ao conhecimento. Como observa Maria Machado, em relação aos viajantes do século XIX:

O viajante moderno limita-se a observá-los de forma objetiva, ou seja, desloca a si próprio e o espaço das suas experiências pessoais de viagem para as sombras, como se a jornada pudesse ser contaminada pela presença desastrosa do próprio viajante. (Machado, 2011, p.175, tradução própria)

As motivações das viajantes eram multifacetadas. Muitas deslocavam-se por curiosidade intelectual, desejo de conhecimento, interesse científico ou artístico, necessidade de evasão ou busca de autonomia e liberdade. A viagem constituía uma ferramenta de autoexploração, permitindo às mulheres compreender não apenas a alteridade cultural, mas também a sua própria identidade. A observação minuciosa de costumes, práticas sociais, gastronomia, hábitos familiares e relações comunitárias transformava o diário em instrumento de reflexão crítica. Nesse sentido, Machado enfatiza o papel do diário de viagem ao que ele permitia “Incluir esta perspectiva na análise da literatura de viagens produz novas formas de compreender o tema.” (2011, p. 170, tradução própria), mostrando que o relato de experiências íntimas e observações detalhadas conferia às autoras uma nova forma de autoridade interpretativa sobre o mundo.

O diário de viagem feminino também funcionava como instrumento de legitimação social e cultural. Publicar relatos, mesmo que em periódicos restritos ou circulando entre familiares, permitia às mulheres demonstrar capacidade intelectual, perspicácia e conhecimento prático, reforçando a ideia de que a experiência feminina podia ser tão valiosa quanto a masculina. Esta prática contribuía para a afirmação de um espaço literário feminino, capaz de dialogar com tradições intelectuais consolidadas, ao mesmo tempo que expandia os limites daquilo que era considerado conhecimento digno

de registo e circulação. Maria Machado evidencia a importância desse espaço de escrita íntima ao destacar que:

O diário de viagem é um documento de extremo interesse, pois possibilita novas abordagens à literatura de viagens, permitindo rastrear as relações que se estabelecem entre o narrador europeu e o mundo colonial, numa perspectiva em que o viajante se apresenta como muito mais vulnerável, testemunhando a ambivalência que caracteriza a experiência de viagem “moderna”. (2011, p.176, tradução própria)

Outra dimensão importante da escrita de viagem feminina é a construção de identidade. As autoras utilizavam a viagem como metáfora para a própria vida: deslocar-se fisicamente significava deslocar-se simbolicamente, explorar territórios externos refletia a exploração do eu interior e das suas capacidades. Ao descrever experiências de autonomia, resistência e aventura, estas mulheres criavam modelos de liberdade, reafirmando a possibilidade de ação feminina mesmo num contexto social restritivo. A escrita permitia-lhes documentar conquistas, expressar sentimentos e articular valores pessoais, consolidando a ideia de que a experiência vivida podia transformar-se em conhecimento compartilhável e legitimante.

A diversidade social das viajantes reforça a complexidade do fenómeno. Mulheres aristocráticas e da nobreza beneficiavam de recursos e status para explorar regiões distantes, enquanto mulheres de classe média ou profissionais procuravam experienciar culturas distintas e documentar a vida quotidiana, enfrentando desafios e ultrapassando limitações financeiras e sociais. Outras, motivadas por causas humanitárias, missionárias ou educacionais, deslocavam-se para intervir diretamente em comunidades, registando a experiência como forma de reflexão ética e social. Esta variedade de percursos e objetivos demonstra que a escrita de viagem feminina não era homogénea, mas articulava múltiplas dimensões de interesse, compromisso e ambição. Como recorda Maria Machado:

Durante o século XIX, manter um diário pessoal e íntimo tornou-se uma prática simultaneamente difundida e valorizada pela experiência histórica da burguesia. Essa prática envolvia personagens tão diversas e socialmente irreconciliáveis como os exploradores coloniais de terras distantes – os Casement e os Burton – cujas entradas em diários contrastavam com aquelas produzidas no lar burguês, que refletiam as complexidades de uma privacidade recém-criada e que incluíam como autores jovens mulheres e até crianças. (2011, p.171, tradução própria)

Além disso, os relatos femininos revelam a forma como a escrita contribuiu para redefinir o conceito de aventura. Historicamente concebida como domínio masculino, a exploração e o encontro com o desconhecido tornaram-se, através das autoras, experiências de afirmação feminina. A coragem, adaptabilidade e percepção crítica demonstradas nos diários subvertem a ideia de que a aventura e o conhecimento eram exclusivamente masculinos, estabelecendo a viagem como prática de emancipação intelectual e pessoal.

Finalmente, o diário de viagem feminino permitiu que as mulheres questionassem normas sociais, construíssem espaços de legitimidade e experimentassem formas de autonomia antes praticamente impossíveis. Ao articular experiência, reflexão e ação, estes textos transformaram-se em instrumentos de resistência cultural e social, contribuindo para a valorização da voz feminina e para a criação de modelos de liberdade e protagonismo feminino. A tradição do diário de viagem no século XIX, portanto, não se limita a registrar trajetórias geográficas, mas configura-se como espaço de construção identitária, crítica social e afirmação da agência do sujeito feminino, servindo de base sólida para os estudos subsequentes sobre os temas, motivações e estratégias narrativas das autoras.

2.1. História e Desenvolvimento

O diário de viagem feminino no século XIX insere-se numa tradição literária marcada por transformações culturais, sociais e políticas que permitiram às mulheres uma maior participação em práticas discursivas até então reservadas sobretudo aos homens. Ao longo do século, as deslocamentos femininas – em grande parte motivadas por peregrinações religiosas, viagens de saúde ou por laços familiares – abriram espaço para a criação de uma escrita própria, caracterizada pela observação pessoal e pelo registo íntimo. Esta prática, inicialmente associada ao diário doméstico, ganha um novo alcance quando aplicada à experiência da viagem, permitindo que a mulher se afirme como sujeito observador e produtor de conhecimento.

Perante a intensificação da circulação de mulheres viajantes europeias pelo Oriente, pela Terra Santa e por capitais como Paris, Londres ou Roma, começa também a consolidar-

se um entendimento crítico do lugar da escrita feminina nesses circuitos: longe de um mero registo íntimo, ela intervém no espaço público e disputa autoridade cultural. Como sintetiza Carl Thompson, “a viagem e a escrita de viagens constituíram uma vida importante de auto-empoderamento e de autoridade cultural para as mulheres” (Thompson, 2011, p.189).

Assim, a história do diário de viagem feminino no século XIX é inseparável do movimento mais vasto de emancipação literária das mulheres, que se serviram da viagem como espaço de legitimação da sua voz.

O diário de viagem feminino surge num contexto de escolarização limitada para mulheres, no qual a leitura e a escrita eram competências cultivadas principalmente no âmbito doméstico ou através de educação privada. Ao longo do século XIX, a escolarização feminina em Portugal encontrava-se limitada e fortemente marcada por concepções de género que associavam a mulher à esfera doméstica e à maternidade. As mulheres eram preparadas essencialmente para desempenhar futuras funções de esposa e mãe, através do ensino de leitura, escrita, aritmética básica, economia doméstica, costura e religião, refletindo uma educação diferenciada entre secos e entre classes sociais. Como sublinha Teresa Amara:

No contexto educativo da época, as primeiras mestras acederam ao sistema de instrução feminina pública com o objectivo de ensinar às raparigas as competências essenciais ao desempenho das suas futuras obrigações domésticas e responsabilidades maternas, estando a sua aprendizagem dirigida para a religião e normas cívicas vigentes, leitura, escrita, aritmética básica, fiar, malha, costura, bordados e corte. (Amaro, 2003, p.115)

Mariano Ghira complementa esta perspetiva ao referir que a instrução deveria ser organizada de forma metódica e abrangente, preparando as mulheres não só em competências literárias, mas também em princípios de economia doméstica, para que se tornassem esposas e mães competentes, capazes de educar e instruir os seus próprios filhos (Mariano Ghira, 1866, p.206). A expansão da rede escolar, ainda que lenta e desigual, abriu espaço para a entrada progressiva das mulheres na docência, legitimando socialmente a sua função educativa através do prolongamento do papel maternal no espaço escolar:

A mulher instruída e educada, há-de produzir para a frequência das escolas resultados mais eficazes, do que todas as leis de ensino obrigatório. A instrução das mestras, pode fazer-se sem inconvenientes e antes com vantagens, por meio do internato nas escolas normais deste sexo. (Mariano Ghira, 1866, p.261)

Deste modo, a escolarização feminina em Portugal no século XIX constitui um elemento central para compreender a emergência de práticas culturais, como a escrita de diários de viagem, que permitiam às mulheres afirmar-se como sujeitos observadores e produtores de conhecimento, apesar das limitações estruturais e sociais da época. A educação formal, ainda que restrita, foi um veículo crucial para a formação de competências de leitura e escrita, essenciais para a participação feminina nas práticas discursivas públicas, incluindo a literatura de viagem.

A escrita das mulheres viajantes ocidentais dos séculos XVIII e XIX inscreve-se num processo de transformação cultural e social que, embora marcado por fortes barreiras patriarcais, abriu espaço para novas formas de expressão feminina. Irene Kamberidou sublinha que essas mulheres não se limitaram a repetir estereótipos ocidentais, mas antes procuraram construir uma visão própria sobre o Oriente, distinta da voz masculina dominante na literatura de viagens. Como a autora observa:

Ao contrário dos seus congéneres masculinos, as viajantes não percebiam o Oriente exclusivamente como um lugar de perigo, barbarismo e sensualidade; antes, descreviam-no frequentemente como um espaço de solidariedade e de encontro cultural. (Kamberidou, 2012, p. 3, tradução própria).

Este dado revela a importância histórica do surgimento de uma voz feminina que, a partir do espaço da viagem, se afirmou como alternativa ao discurso eurocêntrico masculino. Ao longo do século XIX, as mulheres que viajavam — e, sobretudo, que escreviam sobre as suas experiências — inscreviam-se numa tradição que ia contra a noção de que o espaço público e a produção cultural eram exclusivamente masculinos. Nesse sentido, a escrita de viagem constitui-se como lugar de desenvolvimento literário e histórico, mas também como espaço de legitimação social e cultural.

A dimensão histórica desta tradição está igualmente relacionada com o facto de, no século XIX, se verificar um aumento considerável da mobilidade feminina. As transformações sociais e tecnológicas — como o crescimento das redes de transporte, a expansão do colonialismo europeu e a maior circulação de livros e periódicos — permitiram que as vozes femininas se tornassem mais audíveis. Kamberidou nota que “As viajantes ocidentais dos séculos XVIII e XIX desempenharam um papel indispensável ao oferecer perspectivas alternativas ao discurso orientalista dominado pelos homens...” (Kamberidou, 2013, p. 5, tradução própria). Esta afirmação evidencia que o desenvolvimento da escrita feminina não foi apenas uma consequência de condições externas, mas também uma forma ativa de resistência intelectual. Kamberidou enfatiza ainda que, apesar das barreiras impostas, essas mulheres conseguiram resistir aos padrões vigentes de silenciamento:

Os seus escritos serviram de testemunho da sua agência e independência intelectual, desafiando os estereótipos que confinavam as mulheres à esfera doméstica. (Kamberidou, 2012, p. 7, tradução própria).

A tradição do diário de viagem feminino no século XIX não se limita à mera documentação geográfica ou cultural, mas revela um esforço deliberado de observação crítica e de interação com sociedades muitas vezes consideradas “outras” pelo olhar europeu. Muitas viajantes exibiram, para a época, uma abertura e respeito excepcionais perante a "otherness of the Other" (Patsantaras, 2013, p.118), como Lady Mary Wortley Montagu¹⁶ (1689–1762), Mary Adelaide Walker¹⁷ (1820-1905), Fanny Janet Blunt (1839-1926)¹⁸ e Lucy Garnett¹⁹ (1849–1934), que abordam os modos de vida e relações de género

¹⁶ Lady Mary Wortley Montagu (1689–1762), aristocrata e escritora inglesa, é sobretudo recordada pelas *Cartas da Turquia*, consideradas o primeiro relato secular de uma mulher sobre o Oriente Muçulmano. Foi também pioneira na defesa da inoculação da varíola na Grã-Bretanha e crítica das restrições sociais impostas às mulheres.

¹⁷ Mary Adelaide Walker (séc. XIX), escritora inglesa, publicou quatro livros sobre as suas viagens nos Balcãs, oferecendo descrições detalhadas de culturas do Sudeste Europeu e da Ásia Ocidental, incluindo Roménia, Grécia, Albânia, Turquia, Bulgária e Macedónia, acompanhadas de ilustrações originais. Estimase que tenha vivido fora de Inglaterra durante cerca de quarenta anos, após se ter juntado ao irmão em Istambul por volta de 1856.

¹⁸ Fanny Janet Blunt (1839–1926), escritora e viajante britânica, viveu cerca de vinte anos nos Balcãs e no Império Otomano, casada com o vice-cônsul britânico em Skopje. No seu livro *The People of Turkey* (1878), descreve detalhadamente a vida quotidiana de búlgaros, gregos, albaneses, turcos e arménios, oferecendo perspectivas femininas e críticas que desafiam estereótipos sobre as mulheres turcas.

¹⁹ Lucy Mary Jane Garnett (1849–1934), folclorista e viajante britânica, dedicou-se ao estudo das culturas do Império Otomano, Grécia e Balcãs. Publicou obras como *The Women of Turkey and Their Folk-lore* (1890), no qual analisou as mulheres turcas e os seus costumes, e *Mysticism and Magic in Turkey* (1912), focada nas práticas místicas e religiosas.

no Oriente, e, em particular, a instituição do harém, a partir de uma perspectiva sociológica ou histórica, ao invés de um juízo moral ou condenatório (Kamberidou, 2012, p.8).

Embora a maioria das viajantes do século XIX não se opusesse necessariamente ao imperialismo ou à colonização, muitas criticavam os abusos que estes sistemas produziram. Mary Henrietta Kingsley, exploradora da África Ocidental em 1893 e 1895, denunciava os preconceitos sociais dos políticos britânicos relativamente aos povos africanos: “políticos caseiros, que pensam que os africanos são bárbaros horríveis ou crianças tolas — pessoas com quem só se pode lidar de forma corretiva, como num sistema penitenciário.” (Blunt, 1994, p.108, tradução própria). Já Emilie Hayacinthe Loyson, viajante americana e francesa por casamento, propunha uma aproximação entre cristianismo e islamismo através do intercâmbio cultural, visando a reconciliação e a compreensão mútua. As observações de Loyson mostram uma profunda preocupação humanitária:

Esta atmosfera moral que hoje envolve o nosso planeta é como um cinturão eléctrico sobrecarregado, que apenas precisa de uma faísca de atrito diplomático para espalhar a rapina e a carnificina pelo mundo [...] A diplomacia pouco pode fazer para colmatar o abismo que divide estes milhões de crentes, e a guerra só o alarga e envenena a horrível ferida no grande coração da humanidade. (Loyson 1905, p. 2-3, tradução própria).

A escritora propõe, de forma inovadora, que se construa uma “grande estrada da felicidade humana” (Loyson 1905, p. 8-10, tradução própria) através do entendimento cultural e do intercâmbio entre religiões e povos, defendendo que, apesar de cristã, não se deve ignorar as virtudes e riquezas de outras crenças, incluindo o Islão e o Hinduísmo.

A história do diário de viagem feminino revela ainda o protagonismo de mulheres que transgrediam normas sociais estritas. Muitas viajantes eram solteiras ou viajavam sozinhas, desafiando as expectativas da sociedade europeia quanto à mobilidade feminina. Mme de la Ferté-Meun (1822, p. 3-4), que viajou sozinha no Oriente entre 1816-1819, afirma que a sua motivação principal era o “o desejo de tudo conhecer” e descreve a sua ambição de “aspirar a um lugar ao sol” longe dos constrangimentos domésticos. Similarmente, Princess Celine apresenta o desejo de movimento e exploração como algo intrínseco à condição humana:

Nada me parece tão antinatural como um estado de existência estacionário. O homem foi feito para se deslocar de lugar em lugar, visitar os seus semelhantes em terras distantes e render homenagem ao Criador, admirando as maravilhas das suas obras. (Princess Celine, 1849, p, 224, tradução própria).

Além do desejo de conhecimento, muitas mulheres atravessavam fronteiras culturais e religiosas disfarçadas, permitindo-lhes aceder a espaços de género tradicionalmente proibidos, como mesquitas e haréns. Julia Pardoe²⁰, por exemplo, visitou duas mesquitas durante o Ramadão disfarçada de mulher turca, arriscando a própria vida. Fanny Janet Blunt²¹ e Lady Elizabeth Craven²² também recorreram a disfarces semelhantes, enquanto Lady Stratford²³ conseguiu visitar o Monte Santo de Athos sem disfarces, um local ainda hoje interdito a mulheres (Blunt, 1878, p. 313).

O compromisso das viajantes ocidentais com a observação crítica e a interação com culturas orientais estende-se a uma dimensão de solidariedade para com as mulheres locais, que se manifesta de formas concretas, incluindo a libertação de escravas. A prática de identificar-se com o género feminino no Oriente levou algumas autoras e viajantes a adquirir mulheres escravizadas para lhes assegurar liberdade e sustento. A Princesa de Gales, Caroline, durante as suas viagens entre 1814 e 1820, é um exemplo paradigmático: no mercado de escravos de Túnis, em 1816, comprou e libertou cerca de cem pessoas, providenciando-lhes fundos para regressarem às suas casas; no Cairo, libertou seis escravas femininas, oferecendo-lhes também dotes financeiros, e no mercado de Atenas adquiriu três escravas femininas, libertando-as com os meios necessários à sua autonomia

²⁰ Julia Pardoe (1804–1862), escritora e viajante britânica, publicou várias obras sobre a Turquia e outros países europeus e do Médio Oriente. Entre os seus livros mais conhecidos está *The City of the Sultan* (1837), que descreve os costumes domésticos e a vida quotidiana dos turcos, oferecendo uma perspetiva detalhada e crítica do Império Otomano.

²¹ Fanny Janet Blunt (1839–1926), escritora e viajante britânica, viveu cerca de vinte anos nos Balcãs e no Império Otomano, casada com o vice-cônsul britânico em Skopje. No seu livro *The People of Turkey* (1878), descreve detalhadamente a vida quotidiana de búlgaros, gregos, albaneses, turcos e arménios, oferecendo perspetivas femininas e críticas que desafiam estereótipos sobre as mulheres turcas.

²² Lady Elizabeth Craven (1750–1828), aristocrata e escritora britânica, viajou extensivamente pela Europa e pelo Médio Oriente, relatando as suas experiências em obras como *Letters from the East* (1789). Os seus escritos combinam relatos de viagem, observações culturais e críticas sociais, oferecendo uma perspetiva feminina sobre regiões então pouco conhecidas pelos leitores europeus.

²³ Lady Elizabeth Craven (1750–1828), escritora e dramaturga britânica, é reconhecida pelos seus relatos de viagem, nomeadamente *A Journey Through the Crimea to Constantinople* (1789), uma série de cartas enviadas ao Margrave de Brandebourg, Anspach e Bareith. A obra oferece uma perspetiva feminina sobre o Levante e a região do Mar Negro, destacando-se pela crítica social e observações culturais. Além disso, publicou as suas memórias em 1826, que causaram controvérsia na época devido à sua abordagem franca e autossuficiente.

(Demont, 1821; Celine, 1848). Celine, filha adotiva da princesa, sublinha o impacto destas ações: “Nunca na minha vida esquecerei os rostos felizes dos escravos libertados pela Princesa.” (Celine, 1848, p. 91-92, tradução própria).

Além da atuação humanitária, essas viajantes questionavam estereótipos ocidentais e preconceitos masculinos sobre a conduta das mulheres orientais. Lady Mary Wortley Montagu, desde o início do século XVIII, criticava a superficialidade dos relatos masculinos, que descreviam mulheres turcas como imorais, atribuindo tais interpretações à “estupidez de todos os escritores [ocidentais]” (Montagu, 1718, p. 122, tradução própria). No século XIX, Julia Pardoe reforça essa crítica, evidenciando que o harém, frequentemente imaginado como espaço de opressão, era, de facto, “tão sagrado para os próprios turcos, que permanece inviolável mesmo em casos de distúrbios populares.” (Pardoe, 1837. p. 126, tradução própria). De modo semelhante, Mary Adelaide Walker sublinha a necessidade de convivência e empatia para compreender a vida doméstica do Oriente, refutando relatos masculinos como “superficial” e imprecisos (Walker, 1886, p. 38).

Estas práticas e relatos evidenciam que a escrita de viagem feminina se constituiu não apenas como um exercício literário, mas também como um instrumento de resistência intelectual e social, desafiando preconceitos, afirmando a agência feminina e abrindo espaço para a legitimação da voz das mulheres na literatura e na história.

No contexto europeu, desde o século XIX, surgem, assim, as primeiras figuras femininas que desafiam os limites sociais da mobilidade, realizando viagens arriscadas e documentando experiências em regiões antes inacessíveis. Este movimento não se restringe à Europa, manifestando-se também em contextos contemporâneos fora do Ocidente, como na Indonésia, no qual escritoras femininas de viagens enfrentam e questionam convenções patriarcais e religiosas.

Desta forma, a tradição do diário de viagem feminino evidencia uma continuidade histórica: desde as europeias do século XIX, que desafiaram estereótipos de género e fronteiras culturais, até às autoras contemporâneas de contextos não ocidentais, observa-se uma persistente articulação entre escrita, mobilidade e sujeito/ação feminina. O ato de viajar deixa de ser apenas um deslocamento físico, tornando-se um instrumento de

produção de conhecimento, de afirmação da identidade e de contestação das normas sociais. Estas mulheres não apenas narram geografia e cultura, mas criam também espaços de diálogo intercultural, na qual a observação crítica e a empatia se tornam centrais para compreender outras realidades sem recorrer a juízos de valor eurocêntricos ou masculinos.

A tradição literária do diário de viagem feminino no século XIX, portanto, articula práticas privadas e públicas: o registo íntimo, a correspondência e a participação em periódicos constituíam formas de engajamento intelectual, mediadas por normas de modéstia e, por vezes, de anonimato. As barreiras sociais e culturais, se, por um lado, limitavam a mobilidade e a visibilidade das mulheres, por outro geravam estratégias de resistência, como a utilização do anonimato, o disfarce ou o recurso a patrocínios aristocráticos, permitindo às viajantes assegurar autonomia e liberdade de ação.

Como sublinha Tedeschi, “Se o silêncio apareceu na história como um atributo feminino [...] é preciso rever seu lugar e pensar os espaços do silêncio no qual as mulheres foram 'confinadas'” (Tedeschi, 2016, p. 154). Esta reflexão evidencia que, mesmo em contextos restritivos, a produção literária feminina funciona como forma de resistência e visibilidade, contribuindo para a reconfiguração do espaço público e da autoridade narrativa.

Além das barreiras culturais, a mobilidade feminina enfrentava também obstáculos económicos. Apenas mulheres de classes altas ou médio-alto podiam, em muitos casos, financiar viagens prolongadas ou empreender deslocações internacionais, embora algumas figuras de origem mais humilde também se tenham afirmado como pioneiras. A expansão do turismo no século XIX, com o surgimento de agências, como *Thomas Cook & Sons*²⁴, e a acessibilidade crescente de destinos europeus, contribuiu para a democratização parcial do movimento feminino, permitindo que a viagem se tornasse não apenas um privilégio aristocrático, mas também uma experiência ligada à educação, ao lazer e à investigação científica.

²⁴ *Thomas Cook & Sons* foi uma das mais antigas e influentes agências de viagens britânicas, fundada em 1841 por Thomas Cook. Pioneira na organização de viagens de lazer e turismo cultural, contribuiu para a expansão da mobilidade internacional e para a popularização do turismo no século XIX e início do XX.

O papel das viajantes femininas na construção de conhecimento é particularmente evidente na documentação científica, etnográfica e sociológica das suas viagens. Isabella Bird²⁵ (1831–1904), Annie Smith Peck²⁶ (1850–1935), Gertrude Bell²⁷ (1868–1926), Alexandra David Neel²⁸ (1868–1969), Isabelle Eberhardt²⁹ (1877–1904) e Freya Stark³⁰ (1893–1993) exemplificam este compromisso: não se limitavam a narrar experiências pessoais, mas observavam minuciosamente a geografia, a flora, a fauna, os costumes locais e as relações sociais, criando fontes de grande valor histórico e científico. Este envolvimento ativo demonstra que o diário de viagem feminino se configura como um espaço de produção de saber, desafia a noção de que o conhecimento sobre o mundo era um domínio exclusivamente masculino e legitima a agência intelectual das mulheres.

Em síntese, o desenvolvimento histórico do diário de viagem feminino revela múltiplas camadas de significação: trata-se de um instrumento de afirmação pessoal, de resistência social e cultural, de produção de conhecimento e de intervenção ética. Através da escrita, a mulher viajante transcende os limites impostos pelo patriarcado, questiona estereótipos de género e culturais, estabelece diálogos interculturais e contribui para a historiografia e a literatura de viagem. Esta tradição, iniciada nos séculos XVIII e XIX, continuou e adaptou-se aos contextos contemporâneos, mostrando que o ato de viajar e

²⁵ Isabella Lucy Bird (1831–1904), escritora e exploradora britânica, viajou extensivamente pela Ásia, América do Norte e Médio Oriente. Publicou relatos detalhados das suas viagens, como *A Lady's Life in the Rocky Mountains* (1879) e *Korea and Her Neighbours* (1898), combinando observações geográficas, sociais e culturais, e é considerada uma das mais importantes viajantes femininas do século XIX.

²⁶ Annie Smith Peck (1850–1935), alpinista e escritora norte-americana, destacou-se pelas suas escaladas pioneiras, incluindo montanhas nos Andes e na Europa. Publicou relatos das suas expedições, abordando a aventura como meio de afirmar a independência feminina e desafiar estereótipos de género sobre a capacidade física e intelectual das mulheres.

²⁷ Gertrude Bell (1868–1926), escritora, arqueóloga e diplomata britânica, desempenhou um papel central na política do Médio Oriente após a Primeira Guerra Mundial, incluindo a definição das fronteiras do Iraque moderno. As suas viagens e escritos documentam detalhadamente a geografia, culturas e sociedades da região, sendo reconhecida pela sua perspetiva analítica e pelo envolvimento ativo na diplomacia britânica.

²⁸ Alexandra David-Néel (1868–1969), exploradora, escritora e orientalista franco-belga, é conhecida pelas suas viagens pelo Tibete e pelo estudo do budismo tibetano. Publicou obras como *Voyage d'une Parisienne à Lhasa* (1927), combinando relatos de viagem, investigação etnográfica e reflexão espiritual, sendo pioneira na divulgação da cultura tibetana ao público ocidental.

²⁹ Isabelle Eberhardt (1877–1904), escritora e exploradora suíça, viveu e viajou extensivamente pelo Norte de África, particularmente na Argélia. Conhecida pelo seu estilo de vida pouco convencional, vestindo-se frequentemente como homem, os seus escritos, como *The Nomad: Essays and Letters*, oferecem relatos íntimos das culturas do Magrebe e reflexões sobre colonialismo, identidade e liberdade feminina.

³⁰ Freya Stark (1893–1993), escritora e exploradora britânica, destacou-se pelas suas viagens extensivas pelo Médio Oriente, incluindo Iraque, Irão e Síria. Publicou numerosos relatos de viagem e estudos geográficos, como *The Valley of the Assassins* (1934), combinando observações culturais, históricas e políticas, e é reconhecida pela sua abordagem pioneira e rigorosa ao estudo das regiões que visitou.

escrever continua a ser uma prática central para a afirmação da agência feminina em sociedades estruturadas pela desigualdade de gênero.

Assim, o diário de viagem feminino constitui um gênero literário singular, que combina subjetividade, observação crítica e consciência ética, transformando experiências pessoais em instrumentos de conhecimento, emancipação e resistência cultural. A continuidade histórica deste fenômeno evidencia a relevância da mobilidade feminina como prática de empoderamento, desafiando convenções e reafirmando o papel da mulher como autora, exploradora e agente de transformação social.

2.2. Temas e Motivações

As motivações que levaram as mulheres a escrever diários de viagem no século XIX foram múltiplas, mas convergiam num ponto essencial: a afirmação de uma identidade própria através da observação do outro. Muitos destes relatos nascem de peregrinações à Terra Santa, viagens culturais pela Europa ou deslocações em busca de saúde. Nestes percursos, a escrita surge como forma de organizar a experiência e, simultaneamente, de legitimá-la perante um círculo de leitores. A religiosidade constitui um dos motores mais significativos. A mulher, ao escrever, transformava a experiência íntima da devoção em narrativa literária, atribuindo-lhe um valor de partilha e de edificação comunitária.

Mas não apenas a religião se apresenta como motivação central. O desejo de conhecimento e de confronto com a alteridade desempenhou igualmente um papel decisivo. Para muitas mulheres, a escrita do diário significativo inscrever-se num movimento de formação cultural e intelectual, projetando uma imagem de si próprias como sujeitos ativos na apreensão do mundo. Outro tema recorrente é a tensão entre subjetividade e objetividade. A narrativa feminina, marcada pela dimensão confessional, introduz frequentemente elementos emocionais e íntimos, ao mesmo tempo que descreve com detalhe paisagens, costumes e tradições.

Os relatos de viagem escritos por mulheres ocidentais no século XVIII e XIX revelam motivações diversas, que vão desde o desejo de conhecer novas culturas até à necessidade de afirmar uma voz própria no espaço literário. Ao contrário dos homens, que

frequentemente descreviam o Oriente em termos de exotismo e dominação, muitas viajantes femininas privilegiavam temas ligados à vida quotidiana, à condição das mulheres orientais e às possibilidades de diálogo entre culturas. Como refere Kamberidou:

As viajantes tendiam a concentrar-se na vida quotidiana das mulheres no Oriente, nas suas tradições e nos seus papéis sociais, destacando assim aspectos que eram negligenciados ou distorcidos pelos escritores homens. (Kamberidou, 2013, p. 9, tradução própria).

Esta motivação revela-se profundamente política, mesmo quando apresentada em tom aparentemente descritivo ou íntimo. A atenção dada às mulheres orientais não era apenas curiosidade antropológica, mas antes uma tentativa de criar laços de solidariedade e de expor, de forma implícita ou explícita, as condições de desigualdade vividas também no Ocidente. A autora sublinha este ponto ao afirmar:

Ao identificarem-se com as lutas das mulheres do Oriente, as viajantes ocidentais criticavam implicitamente as suas próprias sociedades e as restrições a que estavam sujeitas. (Kamberidou, 2013, p. 12, tradução própria).

A solidariedade surge, portanto, como um tema central. Muitas viajantes viam no contacto com o Oriente uma oportunidade para compreender melhor não apenas a alteridade, mas também a si próprias, num processo de autorreflexão. Ao mesmo tempo, essa escrita permitia a denúncia de preconceitos ocidentais e a valorização de uma perspetiva feminina alternativa. Assim, os temas privilegiados nos relatos de viagem eram atravessados por motivações identitárias, que iam além do simples registo de deslocações e paisagens.

Outro elemento essencial nas motivações destas viajantes era a construção de um espaço de legitimidade literária. Escrever sobre o Oriente constituía-se como forma de inserir-se num género respeitado e lido por um público culto europeu. Kamberidou observa:

Para muitas destas mulheres, a literatura de viagem não era apenas um empreendimento pessoal, mas também uma estratégia para obter reconhecimento nos círculos intelectuais e literários da sua época. (Kamberidou, 2013, p. 15, tradução própria).

Por fim, cabe destacar que, ao enfatizarem a compreensão e a empatia, as viajantes ocidentais criaram um contraponto à retórica orientalista masculina, marcada pela exotização e pela superioridade colonial. Kamberidou resume esta diferença ao afirmar: “Em vez de construírem o Oriente como um espetáculo exótico, as viajantes representavam-no frequentemente como um espaço de aprendizagem mútua, solidariedade e respeito.” (Kamberidou, 2013, p. 18, tradução própria). Este é um dos aspectos mais significativos das motivações femininas: a recusa em perpetuar estereótipos e a tentativa de construir uma escrita marcada pela sensibilidade e pelo reconhecimento da alteridade. Assim, pode concluir-se que os temas e motivações da tradição do diário e da escrita de viagem feminina no século XIX se ancoram numa dupla dimensão: por um lado, a busca de conhecimento, diálogo, observação e solidariedade com outras culturas; por outro, a necessidade de afirmação de uma identidade feminina crítica, que encontra na literatura um espaço de resistência e de reconfiguração de papéis sociais.

As motivações que impulsionavam estas viajantes eram complexas e multifacetadas. Embora algumas apresentassem como justificativa as viagens religiosas, o desejo de explorar, conhecer e experienciar o mundo era muitas vezes declarado abertamente. Ida Laura Pfeiffer enfatiza que a sua motivação não era turismo, mas um “desejo ilimitado de adquirir conhecimento” (1852, p.333, tradução própria) que levava a superar perigos e privação.

O tema da solidariedade feminina emerge com destaque na escrita de viagem, associando a experiência oriental à reflexão sobre direitos, liberdade e emancipação. O uso de termos como “Wo-manity” e “Slavedom” (Harvey 1871, p. 71; Beaufort 1861, p. 399) revela a tentativa de construir um léxico próprio para expressar empatia e identificação com as mulheres do Oriente. Esta identificação não era apenas retórica, mas traduzia-se em ações concretas, como a libertação de escravas.

Além disso, as viajantes ocidentais destacam a posição legal das mulheres muçulmanas, percebendo-a mesmo como mais favorável que a das mulheres europeias da época. Lady Montagu e Lady Elizabeth Craven³¹ comentam sobre a liberdade das

³¹ Lady Elizabeth Craven (1750–1828), aristocrata e escritora inglesa, autora de relatos de viagem pela Europa e pelo Império Otomano, nos quais combinou observações pessoais, críticas sociais e descrições culturais, oferecendo uma visão alternativa à narrativa masculina dominante da época.

mulheres turcas, incluindo direitos sobre propriedade, dotes, herança e possibilidade de divorciar-se sem estigmatização social. Lucy Garnett sistematiza essas observações, explicando que, apesar da permissividade do Islão quanto ao casamento polígamo e à posse de escravas, as mulheres tinham direitos legais que lhes asseguravam autonomia económica e proteção contra abusos: “Não existia para ela a doutrina da *coverture*; podia mover ações judiciais ou ser processada de forma independente do marido.” (Garnett, 1895, p. 61, tradução própria).

A escrita de viagem feminina articula-se entre três dimensões: observação cultural detalhada e empática, crítica social e comparativa sobre direitos de género e ação prática de solidariedade, como a libertação de escravas. Estas motivações consolidam a tradição do diário de viagem feminino no século XIX como espaço de construção identitária e reflexão crítica sobre relações de poder e género. Cristina Trivulzio di Belgiojoso³² (1750–1828) é um exemplo paradigmático na Itália do século XIX. Realizou viagens incomuns para uma mulher da época e mostrou grande envolvimento na vida política, rompendo com a tradição e ocupando esferas culturalmente masculinas: a política e o viajar. Os seus percursos não eram de lazer, mas ligados a razões políticas. Em 1830, Cristina começou a viajar como “giardiniera”, afiliada feminina da Carbonária, num contexto em que se temia a participação ativa das mulheres em conspirações secretas. O viajar permitia-lhe encontrar raízes e construir uma identidade, ainda que a sua “patria” muitas vezes permanecesse inalcançável (CEDAM, 2005).

Os relatos de viagem femininos sublinham grandes eixos temáticos, tais como a distância do lar, a travessia de territórios desconhecidos e perigosos e a autoridade sobre a própria narrativa. Historicamente, estes elementos eram construídos como desafios masculinos, mas as escritoras femininas reconfiguram a experiência, mostrando que a separação da esfera doméstica simboliza emancipação e autonomia, que o encontro com espaços desconhecidos exige coragem e adaptabilidade, e que a autoridade sobre a própria narrativa permite questionar normas sociais e culturais, oferecendo uma perspetiva crítica sobre género e sociedade (Lisle, 2006; Thompson, 2011). Deste modo, as motivações das escritoras femininas ligam-se tanto à busca de autonomia pessoal como à reflexão sobre

³² Cristina Trivulzio di Belgiojoso (1808–1871), princesa milanesa, patriota e escritora. Participou ativamente nos movimentos do *Risorgimento* italiano e publicou relatos das suas viagens ao Oriente, nos quais combinava análise política, crítica social e interesse pelas condições das mulheres

a sociedade em que vivem, numa continuidade com o que se observa nos relatos europeus do século XIX, mas adaptada a contextos culturais distintos.

No século XIX, o número de mulheres viajantes aumentou significativamente, especialmente na segunda metade do século. Inicialmente, aquelas que viajavam por escolha própria seguiam frequentemente os itinerários indicados nas guias e privilegiavam destinos como Itália, Grécia e Oriente. Outras aventuravam-se em territórios mais agrestes e isolados, incluindo os Balcãs, assumindo objetivos de exploração e aventura equivalentes aos dos homens.

Cresceu também o número de exploradoras, etnógrafas e alpinistas, muitas vezes inglesas, italianas, russas e catalãs. Havia mesmo quem falasse de um modo específico de viajar feminino, considerando que as mulheres estavam menos preocupadas com a missão civilizadora e mais críticas em relação aos locais (Miglioli, 2023, p.49, citando Dell’Agnese et al., 2005). As italianas desenvolveram formas e intenções próprias de viagem, refletindo a complexidade da experiência feminina no país, participando pouco no grande *viaggio* geográfico seguido pelas estrangeiras, inspirado nos itinerários recomendados aos homens pelas companhias comerciais e pelas instituições geográficas emergentes.

A experiência de Cristina Trivulzio di Belgiojoso demonstra como viajar podia estar intimamente ligado à política e à construção de identidade. Os seus percursos não eram de lazer, mas de envolvimento político e cultural, permitindo-lhe ocupar esferas tradicionalmente masculinas e transgredir normas de género. Estas viagens eram, portanto, tanto um meio de exploração geográfica quanto um instrumento de afirmação intelectual e pessoal.

A atenção ao detalhe e à observação crítica é outro traço marcante da escrita de viagem feminina. Além da descrição de paisagens e património, muitas viajantes documentam hábitos locais, gastronomia, educação, relações familiares e sociais, oferecendo uma visão completa da vida quotidiana. Este olhar diferenciado cria a singularidade da experiência feminina de viagem, valorizando a perceção subjetiva e a observação minuciosa, considerada tipicamente feminina na época. Ao relatar experiências de autonomia, resistência e aventura, estas mulheres desafiam normas

sociais e criam modelos de liberdade para gerações futuras, transformando a escrita em instrumento de afirmação pessoal, cultural e social.

Em síntese, os temas e motivações da escrita de viagem feminina no século XIX e em contextos contemporâneos articulam-se numa dimensão dupla: a busca de conhecimento, empatia e solidariedade com outras culturas, e a afirmação de uma identidade feminina crítica, capaz de desafiar restrições sociais, questionar desigualdades de género e reconfigurar papéis culturais. A distância do lar, a travessia de territórios perigosos e a autoridade sobre a própria narrativa são elementos centrais, enquanto a observação atenta das condições de vida das mulheres, a reflexão sobre direitos e leis e o envolvimento em ações concretas de solidariedade completam a complexidade das motivações. A escrita de viagem feminina revela-se assim um espaço de construção identitária, de reflexão crítica sobre poder e género, e de diálogo intercultural, reforçando a autonomia e a capacidade de agir das mulheres através do tempo e das geografias.

3. Análise do *Diário de Nápoles a Jerusalém*

O *Diário de Nápoles a Jerusalém*, de Maria Celina Sauvayre da Câmara, constitui uma fonte literária e cultural de particular relevância para o estudo da literatura de viagem feminina em Portugal no final do século XIX. Mais do que um simples registo de deslocações, a obra configura-se como um espaço de interseção entre experiência pessoal, contexto histórico, reflexão estética e vivência espiritual, o que lhe confere uma densidade pouco comum no género.

A especificidade deste testemunho deve ser entendida em articulação com uma tradição mais ampla de escrita de viagem feminina. Apesar de, em Portugal, a presença de mulheres viajantes remontar já ao século IV, com a célebre peregrinação de Egéria, essa prática manteve-se excecional até muito tarde:

Apesar de, em Portugal, a primeira descrição da presença de peregrinas peninsulares na Terra Santa datar de finais do século IV, com a crónica de uma religiosa de Braga, Egéria, que se aventurou até ao Sinai, no século XIX, ainda eram poucas as mulheres que se atreviam a empreender viagens de prazer, instrução, ou mesmo devoção. (Trindade & Paolinelli, 2019, p.374)

O diário de Maria Celina inscreve-se, portanto, numa linha de continuidade, mas também de inovação: continuidade, porque prolonga uma tradição de deslocções femininas à Terra Santa; inovação, porque o faz num século em que as mulheres ainda tinham pouco espaço público e social para a afirmação da sua voz.

Um dos aspetos mais relevantes do texto é a forma como articula diferentes planos narrativos — o íntimo e o público, o factual e o lírico, o sensorial e o erudito. Essa oscilação não é apenas estilística; corresponde a uma forma de organizar a experiência da viagem, conferindo-lhe densidade múltipla. Assim, o relato permite apreender tanto os detalhes da deslocação concreta quanto a construção da identidade da autora enquanto viajante e escritora. Como se lê na dedicatória inicial, Maria Celina declara abertamente a utilidade prática da sua escrita, dirigida sobretudo a mulheres hesitantes em empreender uma viagem desta natureza:

[...] o fim de ser útil a pessoas que desejem visitar a Terra Santa e que, como eu, hesitem um pouco antevendo perigos e dificuldades com os quais, às vezes, uma mulher não pode lutar”, assumindo, assim, que conhece as preocupações dos viajantes, em particular se forem mulheres, mas demonstrando, com a sua própria experiência, que as viagens são exequíveis e os obstáculos ultrapassáveis. (Trindade & Paolinelli, 2019, p.374)

Esta passagem revela dois aspetos centrais: em primeiro lugar, a consciência de género, que orienta a autora a dirigir-se explicitamente a outras mulheres; em segundo, a dimensão pedagógica da obra, que funciona como incentivo à superação dos receios associados ao ato de viajar.

Ao longo do diário, percebe-se como Maria Celina articula memórias pessoais, observações factuais e reflexões críticas. Essa articulação é ilustrada pela citação, já destacada por Trindade e Paolinelli, segundo a qual “as viagens são para o espírito o que a gymnastica é para o corpo” (2019, p.375). A metáfora não é apenas literária: traduz uma conceção da viagem como prática disciplinadora, exigente em preparação e resistência, mas também enriquecedora para o desenvolvimento intelectual e espiritual. Aqui, a experiência física e o crescimento interior convergem, revelando a viagem como exercício formativo.

Outro aspeto essencial prende-se com a voz feminina que se constrói no texto. Numa época em que o universo da escrita de viagem era dominado por homens, Maria Celina assume a sua experiência subjetiva como ponto de partida para a elaboração de um discurso literário e cultural. A sua escrita não abdica da dimensão lírica, mas também não se fecha numa narrativa intimista: ao contrário, procura situar a experiência pessoal num quadro mais vasto de observação cultural e histórica. É nesse equilíbrio que reside grande parte da sua originalidade. A importância desta estratégia é visível em passagens onde a viagem se converte em metáfora existencial, como quando a autora afirma: “Pois afinal que é a vida senão uma viagem ao acaso, mais ou menos fatigante, mais ou menos feliz” (Trindade & Paolinelli, 2019, p.377).

Aqui, não se trata já de descrever etapas ou dificuldades práticas, mas de transformar a deslocação em chave interpretativa da própria vida. Esta dimensão filosófica reforça a riqueza do diário e confirma a sua inscrição numa tradição literária que transcende o mero relato documental.

Assim, a análise do *Diário de Nápoles a Jerusalém* deve considerar não apenas o conteúdo narrado — os lugares, os costumes, as descrições —, mas também a forma como Maria Celina constrói uma voz autoral que articula experiência individual, consciência crítica e horizonte cultural. O texto revela-se, portanto, um testemunho que conjuga o íntimo e o coletivo, o religioso e o estético, o factual e o metafórico, afirmando-se como uma peça fundamental para compreender a presença das mulheres na literatura de viagem portuguesa do século XIX.

3.1. Contexto Biográfico e Histórico

Maria Celina Sauvayre da Câmara nasceu no Funchal, na freguesia de Santa Luzia, a 1 de setembro de 1856, filha de João Sauvayre da Câmara e de Matilde Lúcia de Sant’Ana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt. Proveniente de uma família da aristocracia funchalense, cresceu num ambiente letrado e sensível às artes, marcado pela tradição cultural e literária da Ilha. A sua linhagem feminina era particularmente ativa no campo intelectual: a avó, Matilde de Sant’Ana e Vasconcelos (1805-1888), viscondessa das

Nogueiras, foi autora de *Diálogos entre uma Avó e Suas Netas* (1862), obra aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública para uso nas escolas; a tia-avó, Maria do Monte de Sant’Ana e de Vasconcelos (1810-1884), dedicou-se ao romance histórico e dinamizava encontros literários; já a irmã mais nova, Matilde Olímpia (1871-1957), destacou-se como compositora, poetisa e autora de comédias, escrevendo, entre outras boas, a peça *Morto à Força*, levada à cena em 1901 aquando da visita dos reis D. Carlos e D. Amélia à Madeira. A outra irmã, Maria das Dores (1864-1941), colaborava na revista *Esperança*, viajava regularmente e era considerada uma pessoa muito culta, igualmente respeitada no meio literário. O tio, Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcelos (1824-1888), também cultivou a poesia, reforçando o ambiente de intensa vivência cultural e literária no qual Celina inseriu. Esta genealogia de mulheres e homens de letras proporcionou-lhe desde cedo o contacto com a escrita, a leitura e o mundo intelectual, constituindo um contexto privilegiado para a sua formação como viajante e escritora (Trindade & Antunes, 2021, p.9)

A educação esmerada, aliada a uma personalidade curiosa e aventureira, permitiu a Maria Caleina desenvolver uma prática de viagem fundamentada na observação atenta e na reflexão crítica, inserida no circuito europeu do *Grand Tour*, que a levou pelos Pirenéus, Alpes, Roma e Suíça. Esta experiência constitui uma perceção essencial para a viagem mais longa e exigente à Terra Santa, que combinava interesses turísticos, culturais e espirituais. Como a própria autora referiu, “As viagens são para o espírito o que a ginástica é para o corpo”, evidenciando a consciência de que a experiência de deslocação requer treino, conhecimento e preparação (Trindade & Antunes, 2021, p.11). Este percurso inicial consolidou a capacidade de Celina para articular observação sensível, erudição e vivência pessoal, fatores que caracterizam a singularidade do seu diário.

O reconhecimento social e cultural de Maria Celina refletiu-se em publicações da época, como o *Diário Ilustrado*, que registou os seus passeios, o regresso da peregrinação a Jerusalém e a chegada do estrangeiro em maio de 1898, e o *Diário de Notícias*, que, aquando da sua morte, descreveu-a como “senhora madeirense das mais ilustres pelo sangue, pelo espírito, pela inteligência”. Esta notoriedade demonstra não apenas o prestígio social da autora, mas também o alcance cultural das suas experiências, marcadas por viagens internacionais que lhe proporcionaram um olhar cosmopolita, capaz de articular tradição, erudição e sensibilidade estética. A dedicatória do diário à avó reforça

esta ligação familiar e afetiva, destacando-a como fonte de virtudes e inspiração intelectual, que moldou a escrita de Celina e estimulou a sua curiosidade pelo mundo (Trindade e Antunes, 2021, p. 11).

O diário de viagem de Maria Celina permite compreender como esta herança cultural se traduziu numa escrita sensível e reflexiva, em diálogo com o contexto histórico do final do século XIX. O relato evidencia a modernização do turismo europeu, proporcionada pelas novas agências de viagens como *Cook*, *Lubin*, *Gaze* e *Clark*, que facilitavam itinerários, hospedagem e visitas. A própria autora destaca a diferença entre o dinamismo europeu e a pouca mobilidade portuguesa:

Hoje tornou-se muito fácil viajar, tais são as comodidades que nos proporcionam todas essas agências Cook, Lubin, Gaze, Clark e tantas mais, onde obtemos todas as indicações, comprando bilhetes circulares, que nos dão todos os *coupons* de hotéis, guias, cicerones, facilitando-nos as excursões que julgávamos as mais difíceis!

Em toda a parte se ouve falar inglês, porque são os ingleses e americanos quem mais viaja.

Chega a fazer-me pena ver que em Portugal tão poucas pessoas aproveitam esta chance do nosso século, e que a nossa nação, que outrora se distinguiu tanto pelas suas descobertas, seja justamente aquela que agora menos viaja. (2021, p. 24).

Esta reflexão demonstra a consciência crítica de Celina, que associa a viagem à tradição das grandes descobertas portuguesas, enquanto evidencia uma perspetiva de modernidade e abertura cultural, indicando o valor da mobilidade como experiência formativa e transformadora.

Ao longo do diário, Maria Celina combina sensibilidade estética e erudição, articulando as observações dos locais visitados com a memória familiar e o conhecimento adquirido na infância. As descrições de ruas, bazares e universidades do Cairo, por exemplo, evidenciam o fascínio pela diversidade cultural e pelo contacto direto com ambientes visitados:

Dediquei a tarde a visitar as ruas e bazares árabes. Dizem que estes são inferiores aos de Constantinopla, mas como são os primeiros que vejo neste género achei-os muito interessantes. Mais parecem pequenos museus de curiosidades do que lojas. (Sauvayre, 2021, p. 61).

Em diversas passagens, a narradora liga o presente da viagem às recordações da infância e da formação religiosa, transmitida pela avó, a primeira mestra: “Recordações bíblicas da minha infância, quando sobre os joelhos da minha querida avó, que foi a minha primeira mestra, eu lia a História Sagrada.” (Sauvayre, 2021, p.64)

A viagem ao Médio Oriente é também ocasião para visitar lugares bíblicos e históricos, que a autora interpreta com erudição e sensibilidade: “Jafa é uma das mais antigas cidades do universo. Existiu, segundo dizem, antes do Dilúvio e foi aqui construída a célebre *Arca de Noé*.” (Sauvayre, 2021, p.78).

O diário evidencia ainda o modo como Maria Celina se posiciona enquanto mulher viajante do final do século XIX. O relato das visitas a Baalbek, Jerusalém, Bethlem e S. João da Montanha demonstra uma consciência clara da herança histórica e espiritual do Oriente, mas também a marca de uma voz feminina atenta ao quotidiano, aos costumes locais e ao contraste entre monumentalidade e vida corrente. Nas descrições de práticas muçulmanas, tradições judaicas e rituais cristãos, observa-se a forma como a autora articula espiritualidade, sensibilidade estética e análise social:

Fomos esta manhã com os Condes e Condessa de Radolin ver os túmulos dos Reis. Ia connosco um dos franciscanos holandeses, que tem sido o *cicerone* dos condes de Radolin desde que estes aqui chegaram. (2021, p.166)

Se em Jerusalém tudo nos entristece, nos dá a ideia de uma cidade velha, *gasta* por tanta oração, por tanta comoção ardente que a tem dissecado e reduzido ao estado de decrepitude, que contudo lhe fica bem! em Bethlem tudo é *alegria*. Uma, representa o nascimento de Jesus, é uma aurora que desponta entre as flores e os sorrisos da madrugada. A outra é o espectro da morte que nos aparece por entre as sombras da noite! (2021, p.169)

O contexto biográfico e histórico de Maria Celina Sauvayre da Câmara mostra, assim, como a herança cultural madeirense, a pertença a uma linhagem literária e o ambiente cosmopolita da sua época se cruzaram numa experiência de viagem que é, simultaneamente, religiosa, cultural e identitária.

3.2. Estrutura e Estilo do Diário

Na dedicatória “À minha avó”, Maria Celina Sauvayre da Câmara alerta o leitor para o caráter modesto da sua obra, afirmando não ter “pretensões literárias” (Sauvayre, 2021, p.21). Esta declaração inicial é reveladora: ao mesmo tempo que procura desvalorizar as ambições artísticas da sua escrita, a autora estabelece um pacto de leitura com os futuros viajantes, sobretudo mulheres, a quem dirige o texto como auxílio prático. A simplicidade do estilo é, portanto, assumida como intencional, com a finalidade de ser “útil a futuros viajantes que, como ela, hesitassem perante os perigos e dificuldades”. O diário nasce, assim, de uma dupla motivação: prática e literária, documental e subjetiva.

O prefácio de Pedro Panhoca sublinha esta ambivalência ao classificar a obra como híbrido entre guia turístico, diário íntimo e enciclopédia cultural. Essa tripla dimensão traduz-se na alternância entre o registo espontâneo e impressionista, por um lado, e descrições objetivas e quase enciclopédicas, por outro. É precisamente desta tensão que resulta a riqueza documental da narrativa:

A informalidade e a espontaneidade do texto convivem com descrições objetivas e quase enciclopédias dos lugares visitados, sendo precisamente esta tensão entre subjetividade e objetividade que confere à narrativa a sua riqueza documental. O diário assume, assim, a forma de uma ‘fotografia em palavras’. (Panhoca, 2021, p.8).

A ideia de “fotografia em palavras” ajuda a compreender a estratégia estilística da autora: cada registo procura captar a intensidade do momento, ora através da precisão descritiva, ora pela evocação lírica e afetiva.

Também Cristina Trindade e Luísa Paolinelli salientam que Maria Celina tinha plena consciência da diversidade de perspetivas que marcam a experiência de viagem, como se nota na sua afirmação de que “cada um viaja a seu modo, vê com os seus olhos e tem o seu paladar” (Trindade & Paolinelli, 2019, p.378). A consciência da subjetividade da observação não conduz a uma escrita limitada, mas antes a um esforço por contextualizar, comparar e registar a variedade de impressões que compõem o itinerário.

Neste sentido, o diário distingue-se de um mero inventário de deslocações. Em vez de simples registos de locais visitados, apresenta uma narrativa intimista, rica em descrições sensoriais e reflexões pessoais. O equilíbrio entre o detalhe factual e a emoção

subjetiva dá corpo a uma escrita capaz de oscilar entre o registo documental e a poesia. Um exemplo claro desta dimensão lírica encontra-se na evocação da partida de Nápoles:

De pé, encostada à amurada do vapor, isolada dos outros passageiros, eu cismava sozinha!...

Via o mar estender-se indefinidamente diante de mim, como um enorme espelho, transparente, azulado, tão profundo, tão quieto, que chegava a duvidar que este mesmo elemento pudesse de repente tornar-se tão terrivelmente assustador, fazer tantas vítimas...(Sauvayre, 2021, p.25).

O excerto mostra a capacidade da autora em transformar um momento de transição — a partida de um porto — numa experiência contemplativa, onde o mar é simultaneamente objeto de descrição visual e metáfora da imprevisibilidade da vida.

O texto organiza-se em alternância entre três grandes eixos: descrição sensorial, contextualização histórica e apreciação estética. Assim, ao lado de observações factuais sobre bazares e oficinas do Cairo, surgem digressões e comparações culturais:

Ali estão as oficinas onde os indígenas trabalham em objetos de ouro, prata, metais, todos esses bordados a ouro e pedras sobre sedas e veludos, os panos árabes feitos com aplicações de fazenda escarlate sobre fundo branco, que são tão originais, e com que decoram as paredes, forram as barracas dos acampamentos, nas digressões dos touristes servem para almofadas, cortinas, reposteiros, etc., etc. (Sauvayre, 2021, p.62-63).

Este tipo de descrição mostra o cuidado de Maria Celina em valorizar o detalhe material e estético, construindo um inventário vivo das culturas locais. Não se trata apenas de enumerar produtos ou técnicas, mas de inscrevê-los numa experiência de espanto e descoberta, através da visualização.

O convento de Jafa oferece outro exemplo da conjugação entre observação imediata e enquadramento histórico:

Nada tem de interessante para visitar-se. A cidade, vista do mar, forma um anfiteatro. Sem fortificações, casas feias, ruas irregulares, estreitas e sujas. (Sauvayre, 2021, p.84).

Aqui, a objetividade da descrição convive com a apreciação crítica, revelando o olhar seletivo da autora, que não hesita em registrar juízos depreciativos quando a experiência não corresponde às expectativas.

A visita às ruínas de Baalbek, em 4 de abril, ilustra a oscilação entre registo arqueológico e tom poético. A autora alterna entre descrições minuciosas das estruturas e reflexões subjetivas sobre a grandiosidade da paisagem. Essa oscilação cria uma cadência narrativa própria: por um lado, a cronologia da viagem, marcada por deslocamentos, transportes e dificuldades práticas; por outro, momentos de suspensão contemplativa, em que a experiência se transforma em reflexão estética.

A linearidade estrutural do diário é constantemente interrompida por digressões e comentários pessoais. O texto não se limita a narrar etapas, mas incorpora notas íntimas que revelam a densidade emocional da viagem:

Estas notas alegres que aparecem de repente no meio das narrações as mais sérias, não querem dizer que eu tome ligeiramente estas impressões que me ficaram gravadas na memória e no coração. (Sauvayre, 2021, p.131).

O registo evidencia um tom meditativo, em que a narrativa factual é atravessada por momentos de introspeção:

Parece-me que não posso mais, mas tenho tempo para descansar. Tenho de continuar a ver passar no horizonte esse cortejo imponente de todas as nossas crenças que datam da fundação da era cristã! (Sauvayre, 2021, p.111).

A descrição da Via Sacra em Jerusalém é outro exemplo da fusão entre espiritualidade e sensorialidade:

Igrejas sumptuosas, estátuas admiráveis, todos esses quadros, baixos relevos, tudo o que a arte, o luxo e o cérebro humano podem inventar, nada me enlevou tanto, me deu uma impressão imaterial igual àquela que recebi naquelas ruas estreitas, sujas e mal cheirosas, mas que o nosso Jesus santificou na sua passagem para o Calvário, e que nós hoje pisamos seguindo o padre diretor dos franciscanos, que em cada Estação sobe a uma cadeira e faz um pequeno sermão que escutamos atentamente, respondendo às jaculatórias – Seguindo-o rezamos alto o Rosário–. (Sauvayre, 2021, p.134-135).

Aqui, o contraste entre a materialidade das igrejas sumptuosas e a vida quotidiana das ruas humildes revela o modo como a autora conjuga o estético e o religioso, privilegiando a autenticidade da devoção em detrimento da descrição artística.

A obra evidencia também um olhar crítico, por vezes severo, sobre os povos visitados: “Os seus sentimentos estão no estado selvagem! Em completo materialismo, passam a sua existência!” (Sauvayre, 2021, p.167). Esta passagem mostra a ambivalência do olhar da autora, que tanto pode julgar com dureza como exaltar a beleza e a emoção da descoberta:

Há um prazer infindo em percorrer pela primeira vez países desconhecidos indo ao encontro de um sonho real que nos chama e atrai! (Sauvayre, 2021, p.170).

Este equilíbrio entre espiritualidade, crítica social e entusiasmo pela descoberta confere ao diário a sua singularidade estilística. A intensidade lírica e reflexiva torna-se particularmente evidente na passagem final: “O cair da tarde é o outono do dia, é o cair da luz, tão triste como o cair das folhas, o cair das ilusões!.....” (Sauvayre, 2021, p.21).

Com este fecho, Maria Celina encerra a sua escrita num tom meditativo e simbólico, em que a paisagem natural se converte em metáfora existencial. Assim, a estrutura e o estilo do *Diário de Nápoles a Jerusalém* revelam um texto marcado pela oscilação entre factualidade e subjetividade, entre guia prático e reflexão lírica. A escrita de Maria Celina conjuga, assim, registo documental, emoção estética e consciência crítica, oferecendo ao leitor um testemunho que é simultaneamente memória pessoal, documento histórico e criação literária.

3.3. Temas Principais

O *Diário de Nápoles a Jerusalém* organiza-se em torno de um conjunto de grandes eixos temáticos que estruturam a narrativa de Maria Celina Sauvayre da Câmara. A riqueza da obra não reside apenas no registo factual da viagem, mas sobretudo na forma como a autora transforma a deslocação em exercício de reflexão espiritual, estética e

cultural, revelando uma voz feminina que se afirma num contexto social ainda dominado por homens.

A viagem como autodescoberta e formação espiritual

Um dos primeiros temas centrais é a conceção da viagem como prática formativa e de autodescoberta. Desde o início, Maria Celina estabelece uma analogia entre o deslocamento físico e o crescimento interior: “As viagens são para o espírito o que a ginástica é para o corpo” (Sauvayre, 2021, p.11). A metáfora não é meramente literária. A autora associa a experiência da viagem a esforço, treino e preparação, encarando o percurso como exercício disciplinador da mente e do corpo. Esta perspetiva repete-se em passagens em que a peregrinação é descrita como ato de fé e busca de perdão:

Hoje mais do que nunca, para mim, para aqueles que perdi, para os meus parentes, o meu país, a minha ilha, para o mundo inteiro, sem exceção de raças nem de religiões. (Sauvayre, 2021, p.12).

Esta abertura espiritual, que se estende a toda a humanidade, evidencia uma dimensão universalista rara para o tempo. Contudo, essa universalidade convive com tensões e contradições, como quando a autora recorre a expressões depreciativas em relação a árabes e orientais. A coexistência de tolerância espiritual e preconceito cultural espelha o pensamento europeu oitocentista, atravessado por orientalismo e estereótipos raciais. A ambivalência da autora não diminui a sua importância; pelo contrário, evidencia a complexidade de uma mulher que procura conciliar fé, curiosidade intelectual e contacto com a diferença num quadro social restritivo e patriarcal.

Estética, sensorialidade e emoção

Outro eixo fundamental é a valorização estética da paisagem e dos monumentos, sempre mediada pela sensorialidade. A experiência de Maria Celina não se reduz a observações visuais, mas alarga-se a sons, odores, texturas e emoções que são integrados no relato, o que confere autenticidade e intensidade à escrita. A insuficiência da linguagem para expressar a totalidade das emoções é assumida pela própria autora ao descrever a visita ao Santo Sepulcro:

O vocabulário humano é pobre para dar o realce, ou para poder exprimir certos sentimentos [...] nunca na minha vida senti, nem julguei sentir a comoção sobrehumana que experimentei quando, ajoelhada, beijei a lápide do Santo Sepulcro. (Sauvayre, 2021, p.12).

A reação física — ajoelhar-se, tocar a lápide — revela como o corpo participa na experiência espiritual e estética. Do mesmo modo, a contemplação do Vesúvio e da chegada a Jerusalém mostra a fusão entre descrição paisagística e emoção subjetiva:

À medida que nos afastamos para o mar largo e que desce a noite, o Vesúvio toma cores mais vivas. (Sauvayre, 2021, p.24).

E altivas, sombrias e ameaçadoras erguiam-se diante de nós as muralhas de Jerusalém... (Sauvayre, 2022, p.92).

O impacto visual é constantemente acompanhado de impressões pessoais, como também acontece na descrição quase pitoresca dos animais locais:

E os burrinhos! Tão brancos, tão limpos, tão enfeitados, cheios de guizos, montados pelos árabes, pelos beduínos, pelos turistas, sempre a trote ou a galope, batizados pelos árabes com nomes pomposos... Gladstone, Bismark, Napoleão... (Sauvayre, 2021, p.66).

O deserto, por sua vez, adquire dimensão simbólica de imensidão: “O Deserto como o mar largo dá à imaginação a impressão da imensidade!” (Sauvayre, 2021, p.51). Este constante apelo aos sentidos transforma o diário numa narrativa de forte carga emocional, na qual a viagem se converte em experiência total.

Religião, rituais e espiritualidade

A peregrinação constitui o núcleo da obra e a experiência religiosa atravessa toda a narrativa. Maria Celina descreve tanto cerimónias católicas, quanto práticas de outras tradições, revelando curiosidade e abertura. No Cairo, regista a impressionante cerimónia dos dervixes:

Uma grande sala com um círculo no meio onde estavam 14 dervixes [...] Depois de uns dez minutos levantam-se um por um e principiam a andar à roda como

gyrouettes, com os braços abertos em cruz, e vão pouco a pouco aumentando a velocidade que no fim se torna vertiginosa e acaba por fazê-los cair! As saias formando uma grande roda sobem-lhes até à cabeça e aquela dança parece-nos quase fantástica! (Sauvayre, 2021, p.37-38).

Ao mesmo tempo, valoriza a simplicidade devocional em contraste com o luxo material:

Consolou-me a ideia de ter Deus escolhido uma gruta para o primeiro quarto habitado por Jesus Cristo e a devoção dos fiéis que frequentam aquela pequena Ermida, talvez seja aos olhos de Deus, um incenso mais precioso que todos os mármore, estátuas e luxo exterior de catedrais onde rezam sem verdadeira unção. (Sauvayre, 2021, p.40).

Em Jerusalém, a experiência espiritual atinge o auge: “O que os meus olhos não viam, a minha alma sentia!... Pensamentos mais sérios do que entusiastas, que as palavras não traduzem, que não saberíamos definir!” (Sauvayre, 2021, p.91).

O uso de narrativas bíblicas como enquadramento confere densidade histórica e moral. Em Jafa, a autora recorre ao mito do Dilúvio:

Existiu, segundo dizem, antes do Dilúvio e foi aqui construída a célebre Arca de Noé [...] Antes da vinda dos israelitas para a Terra Santa, os habitantes de Jafa adoravam Ceto, divindade da fábula cujo corpo era metade peixe e metade mulher. (Sauvayre, 2021, p.78).

Na Judeia, recorda os feitos de Sansão:

Foi aqui perto também que ele fez a célebre caçada de raposas e amarrando-lhes nas caudas archotes acesos as soltou nos campos de trigo para vingar-se dos filisteus. (Sauvayre, 2021, p.89).

O comentário religioso torna-se reflexão ética, quando Maria Celina afirma:

É assim que eu compreendo a Lei de Cristo. Lei que não deve ser executada por juízes severos e mercenários. Lei feita somente de misericórdia, ditada por um Deus que é um Ser divino! Misericordioso! (Sauvayre, 2021, p.95).

A intensidade espiritual culmina na descrição das cerimónias no Santo Sepulcro:

Às 4 horas da manhã levantei-me para estar no Santo Sepulcro antes de fecharem as portas. Toda a cerimónia foi imponentíssima, a comunhão geral de uma devoção edificante! Recebíamos o corpo do nosso salvador dentro da pequenina capela do Santo Sepulcro. Mas que dificuldade para ali entrar! Que empurrões! Observações, queixas, todas essas notas desafinadas, que eu tanto desejaria evitar! (Sauvayre, 2021, p.130).

O olhar espiritual de Maria Celina revela-se na escrita em emoção intensa, crítica moral e reflexão comparativa, revelando o lugar central da fé na sua experiência de viagem. No que toca aos lugares visitados, veja-se o Quadro 1:

Quadro 1 – Lugares visitados

| Data/ Período | Lugar |
|------------------|---|
| 12 – 13 de março | A bordo do vapor Regina Margherita |
| 15 de março | Alexandria, Ramleh, Hotel Abbató, Pharos (Farol de Alexandria), Ras-et-Teen Plaace, Praça de Mahomet-Alli, Pompei-Pillar |
| 16 de março | Alexandria, Cairo, Pension Suisse, Pension Tewfick |
| 19 de março | Cairo, Mesquita de Mahomet Ali, Cidadela de Cairo, Pirâmides e Esfinge |
| 20 de março | Pension Twefick, Pequena igreja próxima à Pension Twefick, Pirâmides, Ponte sobre nilo, Avenida de Choubrah, Hotel Mena House |
| 21 de março | Barrage (Portas do Nilo), Bosques de laranjais à beira do Nilo, Restaurante com vista do Nilo |
| 22 de março | Matarieh (Árvore da Virgem), Ruínas de Heliópolis, Viveiros dos Avestruzes |
| 23 de março | Ghezireh Palace-Hotel, Jardins do Ghezireh Palace, Restaurante do Gherzireh Plaace, Lago com ilha no Ghezireh Palace |
| 24 de março | 17 túmulos dos Califas, Aldeia árabe próxima ao Cairo, Cemitério muçulmano próximo ao Cairo |
| 25 de março | Museu Ghizeh, Jardins do museu Ghizeh, gruta com pequeno rio e quedas de água no museu Ghizeh, Travessia do Nilo entre Cairo e Ghizeh (vapor) |
| 26 de março | Estátua colossal de Ramsés II, Necrópoles do Sakkara, Pirâmides em degraus (Apise e Mostaba-Tis), Cemitérios entre os areais do deserto |
| 27 de março | Jardim zoológico (Cairo) |

| | |
|-------------|--|
| 28 de março | Cidadela do Cairo, Poço de José, Ruas e bazares árabes, Oficinas de artesanato indígena, Cafés e hotéis turcos, Ezbekyeh (praça grande com jardim), Mesquitas (Jami-Hassan, Mesquita de alabastro) |
| 29 de março | Túmulos dos mamelucos (ruínas), Floresta petrificada, Ilha de Roda (Nilo) |
| 30 de março | Ruas do Cairo (compras e lembranças), Universidade de El Ashar, Mesquitas da Universidade de El Ashar, Jardins do Ghezireh-Palace |
| 31 de março | Viagem de comboio Cairo – Ismailia – Port Said, Canal de Suez (vistas do comboio), Embarque em Port Said |
| 1 de abril | Convento dos franciscanos Casa Nova (Jafa), Convento de Jafa, Alfândega, Porto de Jafa, Livraria do convento, Acampamento de muçulmanos perto de Jafa, Mercado de Jafa, Jardins de laranjeiras e plantações |
| 2 de abril | Igreja Latina de S. Pedro (Jerusalém), Comboio de Judeia, Thamnata, Aartout, Bettir, Colónia alemã perto de gare de Jerusalém, Porta de Jafa, Convento Casa Nova (Jerusalém), Santo Sepulcro |
| 4 de abril | Capela do Anjo, Capela de Santo Sepulcro, Calvário/Gólgota, Capela de Adão, Capela de Nossa Senhora das Sete Dores, Capela de S. João Evangelista, Capela Franciscana da crucificação, Jardim de Getsemani/Monte das Oliveiras |
| 5 de abril | Casa Nova (Jafa / Jerusalém), Hospital grego, Casa de Urias, Convento das Irmãs de S. José, Porta de Jafa (Bab-el-Khali), Torre de Hípicos, Cidadela / Fortaleza de Jerusalém, Torre de David, Torre de Phasaël, Torre Mariana, Antigo Palácio de Herodes / Templo protestante, Capela dedicada a S. Tiago Menor, Igreja dos Arménios (Der Zeitouneh), Capela do lugar do interrogatório de Jesus, Capela de São Macário, Capela com pedras do Sinai, Monte Tabor e leite do Jordão, Porta Bab-es-Sahioum / Porta de Sião, Cenáculo, Cenotáfio de David, Casa da Virgem / local de falecimento de Nossa Senhora, Igreja da prisão de Jesus, Igreja sobre alicerces da casa de Maria, Mãe de São Marcos, Porta da Casa Nova |
| 6 de abril | Bairro israelita, Santo Sepulcro, Igreja para Lavapés, Convento da Casa Nova |
| 8 de abril | Igreja do Santo Sepulcro (cerimónias e Via Sacra), Ruas de Jerusalém (Via Sacra), Pretório (Estação da Via Sacra, do lado de fora), Porta de Damasco (coluna partida – 1ª queda), Igreja do Santo Sepulcro – Calvário |
| 9 de abril | Igreja de S. João de Latrão (recordação comparativa), Igreja de S. Pedro em Roma (recordação comparativa), Casa Nova (Jerusalém) |
| 10 de abril | Igreja do Santo Sepulcro (Comunhão e Missa Pascal), Convento (Casa Nova – almoço pascal) |

| | |
|-------------|---|
| 18 de abril | Acampamento das americanas Cary, Porta de Damasco, Gruta do Profeta Jeremias (cemitério muçulmano, Jerusalém, Cavernas Reais, Cavalariças dos Cavaleiros de S. João, Ruínas de capela/hospital fundado por senhora húngara, Túmulos dos Reis de Jerusalém |
| 14 de abril | Túmulo de Raquel (cemitério muçulmano de Bethlem), Campo do Grão-de-bico, Tanques de Salomão, Convento de Santo Elias, Poço dos Reis Magos, Basílica de Santa Maria / Basílica da Natividade (Bethlem), Gruta da Natividade, Oratório da Creche, Capela de S. José, Capela dos Santos Inocentes, Túmulo de Santo Eusébio, Túmulo de S. Paulo, Túmulo de Santo Eustáquio, Túmulo de S. Jerónimo, Cella de S. Jerónimo, Laranjeira de S. Jerónimo, Gruta do Leite (Bethlem), Casa de S. José, Cisterna de Maria, Gruta dos Pastores |
| 15 de abril | Convento das Irmãs de Sião (Ecce Homo, Jerusalém), Cidade Santa, Muro das Lamentações / Choro dos Judeus |
| 16 de abril | S. João da Montanha (berço de Santa Isabel e S. João Baptista), Vale de Gihon, Piscina das Serpentes, Lago do Patriarca, Igreja de Santa Mamilla, Caverna do Leão, Túmulo de Herodes Agrippa, Fonte da Santa Virgem (Ain Karem), Convento dos Franciscanos, Santuário da Visitação (casa de Santa Isabel), Casa de S. Zacarias (gruta da Natividade de S. João), Estabelecimento das Irmãs de Sião (Ain Karem) |
| 17 de abril | Mesquita de Omar / Cúpula da Rocha (Monte Moriah, Jerusalém), Mesquita El-Aksa, Subterrâneos da esplanada do Monte Moriah, |
| 18 de abril | Igreja de Santa Ana, Piscina Probática / Betesda, Convento dos Pères Blancs (Missionários de Nossa Senhora, Jerusalém), Vale de Josafat, Leito do Cédron, Túmulo da Virgem, Igreja subterrânea (sete cultos diferentes), Gruta da Agonia (Getsémani), Monte das Oliveiras / Monte Olivete, Rochedo Branco, Venerável Rochedo do Vestígio, Convento do Pater (Carmel du Pater) |
| 19 de abril | Porto de Jafa (embarque para o vapor), A bordo do vapor (partida de Jafa rumo à Europa) |

O percurso condensado neste quadro revela uma coreografia de mobilidade em que a lógica da peregrinação estrutura a experiência e a escrita. A sequência Egito → Jafa → Jerusalém/Belém, ancorada em infraestruturas devocionais muito específicas (conventos da Casa Nova, igrejas, santuários e itinerários franciscanos), inscreve Maria Celina numa rede católica transnacional que legitima a sua presença e orienta a circulação. A concentração de visitas entre 2 e 10 de abril (Santo Sepulcro, Via Sacra, comunhão e Missa Pascal) articula tempo litúrgico e deslocação física: não é apenas “onde” se vai, é “quando” se chega.

O calendário pascal intensifica a densidade simbólica do trajeto e reconfigura a subjetividade da viajante. Em paralelo, o registo integra o quotidiano urbano (bazares, pensões, cafés, jardins, travessias do Nilo), alternando monumentalidade e detalhe sensorial — um traço que confirma o hibridismo do texto (guia, memória e contemplação). A parecem, também, marcas de modernidade logística (vapor, comboio, portos, alfândegas), que situam a viagem na ecologia técnica do fim de oitocentos e evidenciam como as infraestruturas e serviços de turismo facilitaram novas formas de agência feminina. A narradora emerge, deste modo, como sujeito que planeia, observa e interpreta, oscilando entre o íntimo confessional e a ordenação metódica das etapas.

Alteridade, interculturalidade e crítica social

O contacto com o “outro” constitui um eixo estruturante do diário. O cocheiro muçulmano, por exemplo, é descrito com admiração pela devoção:

O cocheiro era muçulmano, e cada vez que passava perto de água, parava, descia da almofada, desenrolava um pedaço de fazenda que trazia à roda da cintura, estendia-o no chão, ajoelhava sobre ele e principiava a rezar sem atender às nossas observações. Orava com uma fé tão íntima, tão entregue ao seu Allah, que nem uma carga de artilharia o faria mover! (Sauvayre, 2021, p.30).

Contudo, a mesma narradora adota um tom paternalista relativamente à condição das mulheres do Oriente:

Pobres mulheres do Oriente, que não passam de umas escravas, mais ou menos bem tratadas, mais ou menos adornadas pelos seus amos e senhores. (Sauvayre, 2021, p.35).

A alteridade surge também na convivência com outros peregrinos, registada de forma quase caricatural:

Miss Edith Moore traz consigo um irmão e um cunhado viúvo.
O primeiro forte, gordo, vermelho, alegre e falador, tem uma voz lindíssima e acompanha na Igreja todos os cânticos religiosos.
O cunhado, viúvo, magro, pálido, triste e silencioso, tem um defluxo constante desde que aqui está, que o obriga a espirrar desde que se senta à mesa até que acabe de comer.

Estão ao lado deles dois padres Irlandeses, que não falam senão inglês, e quando querem explicar-se com os criados do convento é uma tal confusão, que lhes tenho servido de intérprete muitas vezes! (Sauvayre, 2021, p.118-119).

A intervenção da autora como intérprete reforça a sua agência, mostrando que não se limita a observar, mas participa ativamente no contacto intercultural: “Vendo-os tão atrapalhados fui servir-lhes de intérprete, mas o irlandês tinha a cada momento uma nova ideia a comunicar-lhes e vinha chamar-me!” (Sauvayre, 2021).

Em relação às nacionalidades, hábitos e costumes e obras, apresenta-se o seguinte quadro:

Quadro 2 – Nacionalidades, hábitos/costumes e obras

| Nacionalidade | Hábito/Costume | Obra Estrangeira |
|----------------------------|---|---|
| Alemães (p.195) | Referido, mas sem descrição. | <i>Pierre Loti</i> |
| Americanos (p.158) | Partilha de comida boémia no comboio; menos religiosos, religião livre. Viajavam pelo Egito em caravana. | Livro sobre Jerusalém (citado criticamente) |
| Árabes (p.46) (p.53) | Alguns vestem roupas de fantasia, túnicas coloridas, turbouches e turbantes; vendem produtos nas ruas de forma peculiar. Vendedores de água usam aventais coloridos, pratinhos de metal, garrafas gravadas, distribuem água nas ruas; produção de doces em caldeirões nas ruas. Homens bem vestidos com turbantes de gaze, cordões dourados, enxotam moscas com palha; participam em atividades agrícolas e de transporte; ajudam turistas nas Pirâmides. Consumem alimentos com os dedos (pâte com caïena); higiene limitada; preparação de guisados nos cafés. Aceitam gorjetas ('bakchiches'). Empurrões violentos dentro da igreja; comportamento ruidoso. | História Sagrada (lida na infância) |

| | | |
|--|---|---|
| Beduínos (p.164) | Vida nómada; exigem pagamento para passagem; descritos como ‘tribo de ladrões’; cumprimentos rituais (tirar os sapatos, sentar-se à turca, salamaleques). | <i>Gustave Doré</i> (quadro bíblico recordado) |
| Franceses (p.200) | Expressão pouco inteligente, mais atentos à comida. Casal com um caniche branco tratado como filho; comportamento ridiculamente infantil. | Quadro de Wiertz <i>Napoleão no Inferno</i> visitado em Bruxelas |
| Holandeses (p. 166) (p.170) | Grande apetite e longas refeições. Religiosos. Holandeses como cicenores de peregrinos. | |
| Húngaros (p.167) | Melodias húngaras tocadas no hotel próximo às Pirâmides. Hospital fundado por uma senhora húngara. | |
| Ingleses (p.60) (p.160) | Introdução de conforto e vestuário industrial nos beduínos; construção de fazendas e utensílios industriais. Grande sentido de ordem no domingo. | |
| Italianos (p. 168) (p.201) | Padres italianos, hospitaleiros e cuidadosos com peregrinos doentes. | |
| Irlandeses (p.182) | Padres falam apenas inglês. Dificuldades de comunicação com italianos. | |
| Judeus (p. 185) | Considerados sujos, maltratados, ruas imundas. Choravam e oravam em voz alta junto ao Muro das Lamentações; gesticulavam, falavam pelos buracos da muralha, pedindo proteção a Deus. | |
| Mulheres gregas / Gregos (p. 178) (p. 182) | Uso de véus, mantos e canudos dourados; aparência misteriosa em coupés ou landaus. Rezas barulhentas que perturbam o sono. Igrejas partilhadas com gregos e arménios. | |
| Muçulmanos (p. 166) | Cocheros e habitantes rezam cinco vezes ao dia, ajoelham-se e batem a cabeça no chão; fazem orações intensas a Allah. | |

| | | |
|---------------|--|--|
| | <p>Dervixes realizam dança giratória com saias largas, movimentos de oração, curvam-se e batem a cabeça no chão; alguns ladram uivando.</p> <p>Estudos do Alcorão: aprendem linha a linha, de baixo para cima; lavam-se cinco vezes ao dia antes de rezar; estudo das ciências só depois da religião; sentam-se no chão, pés descalços; usam cana e negro de fumo como tinta.</p> <p>Costumes nos cemitérios: jogar, comer e beber sobre campas, oferecer comida aos mortos; materialismo.</p> | |
| Turcos (p.61) | Sentados em almofadas, fumando Narguilés, rezando nas contas, não entram nas lojas; hábitos de consumo e vestuário. | |

Este quadro explicita os dispositivos de classificação com que a viajante lê a alteridade: pares valorativos como limpeza/“sujidade”, silêncio/ruído, devoção/indiferença, ordem/desordem estruturam uma grelha de leitura típica do período, por vezes marcada por juízos hierarquizantes, mas atravessada por zonas de genuína curiosidade e admiração (por exemplo, perante a oração muçulmana ou a cerimónia dos dervixes). Metodologicamente, o quadro torna legíveis quatro regimes de olhar: (i) devocional (lugares santos e rituais); (ii) etnográfico-sensorial (vestuário, alimentação, gestos, sonoridades); (iii) moralizante (higiene e “boa conduta”); e (iv) comparativo-transnacional (perfis de ingleses, americanos, franceses, “*touristes*”).

A dimensão de género destaca-se: as “americanas” surgem como pares em autonomia e mobilidade, enquanto outras figuras femininas aparecem filtradas pelo exotismo, revelando posições diferenciadas da alteridade feminina no texto (solidariedade vs. distância). Em termos de herança cultural, o quadro confirma a coexistência de admiração, estranhamento e juízo — simultaneamente documento de época e espaço de negociação identitária —, demonstrando como a autora mede o mundo e, ao fazê-lo, também se mede a si própria.

Património histórico e arqueológico

Outro tema relevante é o fascínio pelo património, em particular no Egipto. A descrição das pirâmides conjuga informação científica e assombro poético:

A mais alta das Pirâmides mede 180 metros de altura sobre 273 de base, é tal alta como o Dome (catedral) de Colónia. É assombroso pensar que legião de pedras devem ali estar!! Bastariam para construir diversas cidades! (Sauvayre, 2021, p.42-43).

O espanto prolonga-se na percepção da passagem do tempo: “O sopro de quase cinco mil anos passando sobre elas, sem as envelhecer nem desmoronar!” (Sauvayre, 2021, p.43). A autora não se limita a evocar a antiguidade, mas também a inscreve em episódios da história moderna, como a entrada de Napoleão no Cairo:

Três dias depois Napoleão fez a sua entrada triunfante no Cairo, mas não foi de longa duração a sua glória. Em 1801 os franceses são obrigados a evacuar o Egito, e [o] Islão volta de novo a governar este país. (Sauvayre, 2021, p.49).

A articulação entre passado remoto e história recente revela a amplitude cultural da autora e o esforço de inscrever cada local visitado numa narrativa temporal mais vasta.

Perspetiva feminina da viagem

Talvez o traço mais inovador da obra seja a consciência explícita da condição feminina da autora. Maria Celina questiona as limitações sociais impostas às mulheres: “Se a imaginação da mulher também tem asas, por que não havemos nós de aproveitá-las?” (Sauvayre, 2021, p.25). A independência manifesta-se na forma como percorre cidades, lê e observa autonomamente: “Estive a ler um livro sobre Jafa que principiei esta manhã, quando cheguei ao convento sem ter em que ocupar-me.” (Sauvayre, 2021, p.78). A recusa de uma experiência turística convencional surge de modo categórico:

A quem maçar estas recordações, que as não leia! Não atravessei a Palestina em bicyclette, não vim a Jerusalém como touriste como disse logo à saída de Nápoles. É uma viagem de peregrina, sem vir em peregrinação de 500 ou 600 pessoas obrigada a andar com todos, a parar com todos, a seguir por força um plano traçado de antemão! (Sauvayre, 2021, p.117).

A fé também se expressa de modo individual e ativo:

A minha companheira, como muito boa católica que é, desejava imenso rezar sobre a Creche. O meu espírito irrequieto e ardente era como o batedor destes

dois carros que nos sacudiam terrivelmente por cima das pedras da estrada!
(Sauvayre, 2021, p.170).

As dificuldades físicas e emocionais da viagem reforçam essa consciência da experiência feminina:

“A minha companheira não está assustada, diz-me que gosta da sensação de um mar tempestuoso! Eu, mais morta do que viva, estou arrependidíssima de não ter partido ontem à tarde de Jerusalém e de ter embarcado de manhã, que é quando o mar está aqui mais sossegado.” (Sauvayre, 2021, p.199).

A autora reflete ainda sobre a superficialidade de alguns viajantes:

É que há pessoas que viajando não viajam. Veem sem sentir, têm um olho de vidro e do outro são míopes!
Passeiam através do globo o seu Eu, a sua personalidade e é preciso fazer-se abstração completa da nossa pessoa, das nossas comodidades, para realmente compreender e gozar o que nos cerca! (Sauvayre, 2021, p.96).

A valorização da autonomia é confirmada no contacto com outras mulheres viajantes:

Estas americanas estão há dois meses a viajar pelo interior do Egito, levando consigo uma caravana. Convidaram-me para ir hoje lanchar com elas ao seu abarracamento. Gostei imenso de ter aceitado o seu convite, porque passei uma manhã muito agradável! [...]
Como me interesso extraordinariamente por todas estas viagens, passei com estas americanas umas 5 horas muito agradavelmente! (Sauvayre, 2021, p.159-160).

Estas experiências revelam uma consciência de género em trânsito, na a viagem é entendida como oportunidade de emancipação intelectual e prática.

Reflexão cultural e contrastes sociais

Por fim, a autora dedica atenção às contradições sociais e culturais que observa, em particular no Cairo:

O grande encantamento do Cairo é o contraste entre a civilização moderna e o barbarismo; é como um museu vivo com todas as fases reais e inverosímeis da

existência humana, com todos os *speciemens* da Europa e do oriente, do paganismo e do cristianismo, sob a direção inteligente da nação inglesa. (Sauvayre, 2021, p.56-57).

Os contrastes são também sublinhados em comparações entre cidades e experiências: “Que contrastes neste mundo! Nice e Jerusalém! A Suíça e a Judeia! Eu e a minha companheira de viagem!” (Sauvayre, 2021, p.129). Na vivência religiosa, Maria Celina critica a superficialidade dos turistas em Roma, contrapondo-a à autenticidade de Jerusalém:

Por muito disposta que esteja a nossa alma para receber uma emoção forte, há momentos em que é impossível concentrar-nos, fazer trevas dentro de nós! [...] As igrejas visitadas como museus! Mais touristes do que devotos, as lojas continuando o seu comércio em das tão Santos! Os cafés apinhados de elegantes, nas ruas circulando mais carruagens do que nos dias ordinários, nas igrejas pouquíssimo recolhimento; somente junto ao altar-mor víamos umas centenas de pessoas que se perdiam na vastidão dos templos. (Sauvayre, 2021, p.151-152).

Esta comparação reforça a crítica social e moral da autora, que valoriza a autenticidade da devoção acima das aparências. Assim, os temas principais do *Diário de Nápoles a Jerusalém* revelam uma narrativa multifacetada, em que se cruzam fé e crítica, sensorialidade e erudição, estética e espiritualidade, cosmopolitismo e consciência feminina. A obra transcende a função de simples relato de viagem e assume-se como testemunho complexo, marcado pela busca de sentido e pela afirmação de uma voz literária feminina na viragem do século XIX para o XX.

4. Contribuições e Impacto

O diário de Maria Celina Sauvayre da Câmara não se limita a ser um relato de viagem, já que constitui um documento de ampla relevância cultural, literária e social, cujo impacto se estende para além do espaço privado da autora.

Ao articular narrativa íntima, descrição detalhada e análise crítica, o diário contribui para a compreensão da experiência feminina no contexto da mobilidade do final do século XIX, destacando o papel da autora como viajante, mulher e agente cultural. A obra revela simultaneamente a dimensão pedagógica e prática da escrita de viagens, ao documentar

lugares, costumes, práticas religiosas e património histórico, e a dimensão literária e reflexiva, ao permitir à autora expressar percepções subjetivas, emoções e juízos críticos.

Além disso, o diário assume uma função performativa: os relatos não apenas registam experiências individuais, mas inspiram ações concretas, como iniciativas sociais e culturais na sua cidade natal. A conjugação entre vivência estética, espiritualidade pessoal e consciência social demonstra que a obra de Maria Celina não se limita a narrar a viagem, mas estabelece um diálogo entre o mundo observado, a experiência interior da autora e a comunidade a que pertence.

Esta combinação de dimensões – literária, histórica, cultural e social – torna o diário um ponto de referência essencial para a análise da literatura de viagens escrita por mulheres em Portugal, abrindo caminho para a reflexão sobre o contributo da obra em termos de afirmação feminina, interculturalidade e legado duradouro. É nesta perspetiva que se podem explorar as contribuições do diário, tanto no plano da sua produção literária e cultural, como na sua relevância e impacto para a posteridade, servindo de base para os subpontos seguintes que aprofundam a contribuição específica da obra e o seu legado atual.

4.1. Contribuição do *Diário* de Maria Celina Sauvayre da Câmara

O *Diário* de Maria Celina Sauvayre da Câmara assume-se como uma obra pioneira no panorama da literatura de viagens escrita por mulheres em Portugal no final do século XIX. Para além da sua dimensão pessoal e confessional, o texto constitui um gesto de afirmação literária e social. Publicar em 1899 uma obra integralmente feminina sobre a Terra Santa revela não apenas ousadia, mas também uma vontade clara de se inscrever no espaço público e intelectual, desafiando a invisibilidade a que muitas mulheres eram votadas no meio cultural português. Assim, a narrativa não se reduz a um registo privado de memórias, mas alcança um estatuto de intervenção, no qual a voz da autora se afirma tanto como viajante quanto como mulher consciente do seu papel no mundo.

A repercussão da viagem ultrapassa, aliás, o plano meramente literário. Como se sublinhou na introdução, a visita a um dispensário em Jaffa inspirou Maria Celina a criar, no Funchal, uma instituição semelhante, à qual chegou a doar um edifício para esse fim:

Na verdade, a impressão recolhida na dita instituição foi tão forte que, no regresso ao Funchal, a autora decidiu dotar a cidade de uma semelhante, para o que doou um edifício na rua da Mouraria onde instalou um dispensário concebido à imagem e semelhança do que apreciara na viagem. (Trindade & Paolinelli, 2021, p.14).

Este gesto revela a dimensão performativa e social do diário, que não se limita a testemunhar experiências individuais, mas prolonga-se em impacto concreto, articulando cosmopolitismo, espiritualidade e intervenção comunitária. O diário adquire, desta forma, um carácter duplo: testemunho íntimo e motor de ação social.

A importância da obra reside igualmente no facto de constituir uma fonte fundamental para o estudo das experiências de mulheres viajantes no século XIX. O olhar atento da autora sobre a diversidade cultural, os costumes locais e a paisagem combinam-se com uma reflexão crítica sobre mobilidade, educação estética e posição da mulher na sociedade europeia. Ao mesmo tempo, o diário dá voz a uma consciência da alteridade que, no contexto português, era rara para a época, permitindo perceber como uma mulher do Funchal dialogava com culturas orientais e mediterrânicas de forma simultaneamente curiosa, crítica e espiritual.

O carácter crítico da autora transparece em diversas passagens, revelando tensões entre o olhar europeu e a experiência direta do Oriente. Em determinados momentos, a observação resvala para uma perceção fortemente marcada por preconceitos, como se nota na descrição:

Há nestes povos do Oriente qualquer coisa de répteis: arrastam-se mais do que andam, são medrosos, covardes, humildes de mais, sujos e traiçoeiros. (Sauvayre, 2021, p.70).

No entanto, essa mesma autora também demonstra abertura, consciência espiritual e sensibilidade universalista, valorizando a liberdade de crença e o direito à diferença:

Mas em Jerusalém todos devem ter a liberdade de sentir a seu modo, e não devemos, por egoísmo próprio, pôr um *dique* artificial à ingenuidade franca ou sincera destes entes *quase selvagens* mas a quem Deus deu uma alma igual ou melhor do que as nossas! (Sauvayre, 2021, p. 101).

Esta tensão entre crítica e empatia revela a riqueza do texto, que reflete simultaneamente os preconceitos do seu tempo e uma visão intercultural mais progressista, característica de uma viajante atenta e reflexiva.

O testemunho da autora valoriza a experiência pessoal da religião, conferindo à narrativa um tom confessional e meditativo, em que sobressaem tanto a empatia pelo sofrimento alheio como a capacidade de se integrar numa coletividade peregrina. Como se lê, por exemplo:

Confesso que preferia estar calada, concentrada, detesto conversar na Igreja, mas é uma das *Obras de Misericórdia* consolar os tristes, e às vezes, quem sofre deseja comunicar aos outros a sua tristeza. (Sauvayre, 2021. 132).

As suas descrições de lugares sagrados, como Belém ou Jerusalém, revelam uma consciência estética e espiritual, que associa emoção pessoal à interpretação histórica e religiosa:

Decididamente a cidade de Bethlem deve ser visitada no mês de dezembro!

Os católicos, *os cristãos*, deveriam vir aqui no dia 24 festejar a Festa das Festas, O Natal de Jesus, o nascimento do Ser puro e imaculado que veio do Céu espalhar sobre a terra a Paz, trazendo consigo a simpática Esperança, a crença em dogmas que nos guiam e alumia!! (Sauvayre, 2021, p. 183).

Deste modo, o diário evidencia a forma como a experiência de peregrinação se transforma em narrativa cultural e literária.

4.2. Legado e Relevância Atual

O *Diário* de Maria Celina Sauvayre da Câmara, publicado em 1899, mantém-se hoje como uma referência para os estudos de género, de história cultural e de literatura de viagem. A sua leitura permite analisar não apenas a construção da identidade feminina em contexto de deslocação e de observação do outro, mas também compreender as perceções europeias sobre civilizações distantes, num quadro de interações complexas entre viajantes ocidentais e sociedades orientais no final do século XIX. Nesse sentido, o diário assume uma relevância particular na história da literatura de viagem portuguesa, pois inscreve uma voz feminina num campo dominado por autores masculinos.

A análise das suas observações sobre religião, património, paisagem e sociedade contribui igualmente para o estudo do legado das viagens enquanto instrumento de conhecimento intercultural e de reflexão sobre identidade. A autora observa com atenção os lugares e as práticas que presencia. As suas palavras evocam a intensidade da experiência da peregrinação e a força emocional que esta lhe desperta:

Parece-me que não posso mais, mas tenho tempo para descansar. Tenho de continuar a ver passar no horizonte esse cortejo imponente de todas as nossas crenças que datam da fundação da era cristã! (Sauvayre, 2021, p.111).

Este registo evidencia não apenas a exaustão física da viagem, mas sobretudo a dimensão espiritual e simbólica da experiência, na qual o percurso pessoal se associa a uma consciência coletiva do cristianismo e das suas tradições. O diário permanece, assim, como um recurso relevante para compreender como a experiência individual das mulheres viajantes do século XIX se articulava com a interpretação histórica, religiosa e cultural. As reflexões da autora permitem uma abordagem interdisciplinar, cruzando estudos de género, história cultural e literatura de viagem, ao mesmo tempo que documentam o impacto emocional e ético de tais deslocações. O tom confessional de certas passagens reforça essa dimensão de legado, deixando clara a permanência das memórias mesmo após o regresso: “Deixei a Palestina talvez para sempre! Mas, levo comigo tantas recordações!!” (Sauvayre, 2021, p. 201). Estas palavras finais revelam a consciência de que a viagem se prolonga para além da experiência física, sobrevivendo no espaço da memória, da escrita e da identidade.

Conclusão

A análise do *Diário de Nápoles a Jerusalém* de Maria Celina Sauvayre da Câmara evidencia que a obra constitui um marco incontornável da literatura de viagens portuguesa, particularmente no âmbito da escrita feminina do final do século XIX. Mais do que um relato de deslocações geográficas, o diário apresenta uma visão multifacetada que articula experiência pessoal, sensibilidade estética, reflexão espiritual, observação histórica e crítica social. Esta conjugação de dimensões revela a capacidade singular da autora de transformar a experiência de viagem numa narrativa complexa, capaz de proporcionar compreensão profunda sobre a condição feminina, as interações interculturais e a construção de identidade em contextos de mobilidade internacional.

O diário revela-se, acima de tudo, um instrumento de construção da subjetividade feminina. Maria Celina organiza a sua narrativa de modo a explorar a interseção entre o íntimo e o público, entre o factual e o lírico, entre a experiência sensorial e a reflexão erudita. Cada descrição, seja sobre paisagens, monumentos, rituais religiosos ou costumes locais, converte-se numa oportunidade para reflexão sobre a sua própria identidade, sobre os outros e sobre o mundo que a rodeia. A autora demonstra, assim, uma sensibilidade aguçada e uma curiosidade constante, conjugando experiência direta e erudição, revelando simultaneamente espírito crítico e empatia perante as diferenças culturais e religiosas que encontra.

A perspetiva feminina é um elemento central do diário e constitui um fator distintivo na análise da obra. Maria Celina desafia, de forma subtil mas firme, os constrangimentos sociais do seu tempo, mostrando autonomia de pensamento e de ação, tanto na organização da viagem como na atenção dedicada às experiências individuais e coletivas que observa. A viagem emerge, desta forma, não apenas como deslocação física, mas também como processo de autodescoberta, reflexão moral e afirmação pessoal. O diário demonstra como a experiência de mobilidade se torna instrumento de emancipação e afirmação feminina, permitindo compreender como a escrita de mulheres viajantes do século XIX constituía um espaço de afirmação cultural e intelectual.

A dimensão intercultural do diário é particularmente significativa. Maria Celina observa com atenção e detalhe os costumes, práticas religiosas e modos de vida das populações do Egito e da Terra Santa, estabelecendo comparações entre Ocidente e Oriente. Embora algumas perceções estejam inevitavelmente marcadas pelos

preconceitos da época, a autora revela também abertura, admiração e consciência da alteridade. A conjugação de juízos críticos e empatia confere à obra uma riqueza interpretativa, tornando-a um documento valioso para estudos históricos, antropológicos e literários. A observação das diferentes nacionalidades, hábitos e práticas sociais revela a complexidade das relações interculturais e permite compreender como as viajantes europeias construíaam percepções do outro, dialogando com a própria identidade cultural e social.

A atenção à dimensão estética e sensorial do diário constitui outro eixo relevante. Maria Celina dedica cuidado rigoroso à descrição de paisagens, monumentos, cidades e rituais, oferecendo um registo que combina sensibilidade visual, auditiva e olfativa. Este cuidado literário evidencia o interesse da autora pela experiência vivida, pelo impacto emocional dos lugares visitados e pela capacidade de transmitir essa experiência ao leitor. As descrições do Vesúvio, do deserto, das pirâmides, das ruas de Jerusalém ou das igrejas e conventos visitados revelam uma percepção estética refinada, contextualizada historicamente e enriquecida por interpretações pessoais. Esta abordagem reforça a dimensão literária do diário, transformando-o num texto de leitura envolvente e simultaneamente etnográfica.

No plano religioso e espiritual, o diário assume a forma de peregrinação interior. Maria Celina articula observações de rituais, visitas a locais sagrados e experiências devocionais com reflexões pessoais sobre fé, moral e espiritualidade. O tom confessional e meditativo permite compreender a vivência da religiosidade feminina no contexto histórico-cultural do século XIX. As descrições de celebrações litúrgicas, de práticas de devoção e de locais sagrados como o Santo Sepulcro, Belém ou os túmulos de Jerusalém são acompanhadas de interpretação crítica e emocional, revelando como a experiência espiritual se integra na narrativa e se articula com a percepção estética e cultural do mundo exterior.

A dimensão social da obra evidencia a capacidade da autora de transformar a observação em ação concreta. O diário documenta iniciativas que Maria Celina desenvolveu no regresso, como a criação de um dispensário no Funchal inspirado em instituições visitadas no Médio Oriente. Este carácter performativo da escrita evidencia que a viagem e a literatura podem funcionar como instrumentos de intervenção social, revelando uma dimensão prática e ética que vai além do simples registo narrativo. A obra permite compreender a circulação de ideias, costumes e valores entre culturas e sublinha

o papel ativo da mulher na produção de conhecimento e na dinamização cultural, revelando a viagem como instrumento de aprendizagem, transformação pessoal e impacto comunitário.

O diário apresenta ainda uma função histórica e literária significativa. Ao combinar observações etnográficas, análise histórica e reflexão literária, Maria Celina cria um híbrido que enriquece o panorama da literatura de viagens portuguesa. Esta abordagem torna o diário uma fonte primária indispensável para o estudo da mobilidade feminina, da construção da subjetividade e das interações entre viajantes europeias e sociedades orientais. A articulação entre memória, experiência sensorial, erudição e reflexão moral evidencia a complexidade da narrativa e a sua relevância para estudos de literatura, história cultural e estudos de género.

A construção da memória e da identidade feminina surge como um elemento central da obra. Maria Celina dá forma às suas experiências através da escrita, registando-as como testemunhos da sua vivência pessoal e cultural. A memória transforma-se em instrumento de afirmação identitária, consolidando a posição da autora como mulher viajante, intelectual e agente social. A interligação entre experiência pessoal, conhecimento erudito e ação social sublinha o carácter duradouro do diário, que continua a ser relevante para estudos contemporâneos sobre identidade, género e interculturalidade.

O diário integra múltiplas dimensões de análise: testemunho íntimo de fé e viagem; registo literário híbrido entre descrição etnográfica, reflexão estética e confissão espiritual; documento histórico e cultural de grande valor para estudos de género e mobilidade; e expressão de intervenção social concreta que transcendeu a escrita. Revela, ainda, a importância do turismo religioso feminino, valorizando a experiência pessoal da religião e evidenciando a capacidade da autora de se integrar numa coletividade peregrina. A combinação de emoção pessoal, interpretação histórica e sensibilidade estética transforma o diário num recurso essencial para compreender a experiência feminina da peregrinação.

Do ponto de vista literário e cultural, o diário apresenta um registo intercultural quase etnográfico, detalhando práticas religiosas, hábitos quotidianos, arquitetura e monumentos. Esta abordagem torna o diário um documento de valor inestimável para estudos de género, história cultural e literatura de viagens, ampliando a compreensão das

redes culturais e religiosas entre Oriente e Ocidente. A obra constitui não apenas um documento histórico, mas uma herança cultural e intelectual, oferecendo matéria para reflexão sobre mobilidade, alteridade e identidade feminina. No plano do legado, o diário inscreve-se como referência única da literatura de viagem feminina em Portugal, testemunho de interações entre Ocidente e Oriente e expressão pioneira da voz feminina na esfera pública e intelectual.

A experiência feminina de viagem não se limita à observação passiva: envolve interpretação, ação e participação ativa na realidade que se desenrola à frente da autora. O diário permite analisar as tensões entre expectativas sociais e liberdade individual, oferecendo uma visão aprofundada sobre a mobilidade e a agência feminina no século XIX. A obra contribui, assim, para o reconhecimento da experiência feminina na literatura de viagens e ilumina a forma como as mulheres, através da escrita, podiam construir conhecimento, expressar subjetividade e interagir criticamente com o mundo. A narrativa de Maria Celina demonstra que a viagem se constitui como prática de aprendizagem, autoafirmação e diálogo intercultural, consolidando-se como referência para estudos contemporâneos sobre mobilidade, gênero, interculturalidade e literatura de viagem.

Os quadros, longe de funcionarem como mero apêndice descritivo, são provas materiais da tese aqui defendida: na viragem de oitocentos, a peregrinação, a alteridade e a agência feminina articulam-se num mesmo gesto escritural, no qual a experiência individual se transforma em conhecimento partilhável e legado cultural.

Em síntese, o *Diário de Nápoles a Jerusalém* combina dimensão pessoal, sensibilidade estética, erudição histórica, consciência social e espiritualidade. A análise da obra revela a complexidade da experiência feminina de viagem, a riqueza da literatura de viagem escrita por mulheres e a forma como a mobilidade se articula com a construção de identidade, observação cultural e ação social. Maria Celina Sauvayre da Câmara transforma o relato de viagem numa narrativa cultural, literária e ética, demonstrando que o olhar feminino possui um potencial único para revelar a complexidade das culturas, das relações humanas e da experiência de deslocação

Bibliografia

Obras Analisadas

Sauvayre da Câmara, M. C. (2021). *Diário de Nápoles a Jerusalém: Diário de viagem*. Edições Esgotadas.

Estudos Teóricos

Adams, P. G. (1983). *Travel literature and the evolution of the novel*. Lexington: University Press of Kentucky.

Beaufort, E. (1861). *Egyptian sepulchres and Syrian shrines, including some stay in Lebanon, at Palmyra, and in Western Turkey*. Longman, Green, Longman, and Roberts.

Blunt, A. (1994). *Travel, gender, and imperialism: Mary Kingsley and West Africa*. New York: The Guilford Press.

Born, J. (2004). Defining travel: On the travel book, travel writing and terminology. In G. Hoper & T. Youngs (Eds.), *Perspectives on travel writing*. England: Ashgate Publishing Limited

Cabete, S. M. C. (2010). *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: Alteridade e identidade nacional* [Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. Faculdade de Ciências e Humanas.

Caluwé, J. M. (1987). Les genres littéraires. In M. Delacroix & F. Hallyn (Eds.), *Introduction aux études littéraires, méthodes du texte*. Paris & Louvain-la-Neuve: Duculot.

Celine. (1849). *Adventures of a Greek lady, the adopted daughter of the late Queen Caroline, written by herself*. London: Henry Colburn.

Cristóvão, F. (1999). *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Edições Cosmos.

Demont, L. (1821). *Journal of the visit of her Majesty the Queen (Caroline), to Tunis, Greece, and Palestine*. London: T. and J. Allman.

Eagleton, T. (2006). *Teoria da literatura: Uma introdução* (6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Estébanez Calderón, D. (1999). *Diccionario de términos literários*. Madrid: Alianza Editorial

Ferté-Meun, M. de la. (1822). *Lettres sur le Bosphore, ou, Relation d'un voyage à Constantinople et en différentes parties de l'Orient, pendant les années 1816, 1817, 1818, et 1819*. Paris: Locard et Davi.

Franco, C. P. da C. (2011). Intertextualidade e produção textual. *Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF*

Garnett, L. M. J. (1895). *Women under Islam: Their social status and legal rights*. London: Sampson Low, Marston.

Harvey, A. J. (1871). *Turkish harems & Circassian homes* (by Mrs. Harvey of Ickwell Bury). London: Hurst & Blackett.

Junqueira, M. A., & Franco, S. M. S. (Orgs.). (2011). *Cadernos de Seminários de Pesquisa* (Vol. 2). São Paulo: USP-FFLCH–Editora Humanitas.

Kamberidou, I. (2012). *Finally free to breathe: Women's accounts/testimonies [women travellers of the 17th, 18th and 19th centuries]*. Athens: Telethrio S.A.

Loyson, H. (1905). *To Jerusalem through the lands of Islam, among Jews, Christians, and Moslems* (Preface by Prince de Polignac). Chicago: The Open Court Publishing Company.

Machado, M. H. P. T. (2000). *Resenha de Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, de Mary Louise Pratt. *Revista Brasileira de História*

Machado, M. H. T. P. (2011). The Traveler and His Diary: Couto de Magalhães and Roger Casement. *ABEI Journal*, 13. 169-186

Miglioli, S. (2023). *Donne italiane in viaggio: Com'è cambiata nel tempo l'esperienza del viaggiare da sole* [Dissertação de mestrado, Università degli Studi di Padova]. Università degli Studi di Padova.

Montagu, L. M. W. (1718/1763). *Letters of the Right Honourable Lady M—Y W—Y M—E: Written during her travels in Europe, Asia and Africa, to persons of distinction, men of letters, &c., in different parts of Europe, which contain, among other curious relations, accounts of the policy and manners of the Turks; drawn from sources that have been inaccessible to other travellers* (2nd ed., Vol. III). London: T. Becket & P. A. De Hondt.

Outeirinho, M. F. C. (2008). *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: Alteridade e identidade nacional* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto.

Paolinelli, L. M. A. (2022). *Literatura, educação e empatia*. ASPEI / PAMPAEDIA.

Pardoe, J. (1837). *The city of the Sultan, and domestic manners of the Turks in 1836*. London: Henry Colburn.

Patsantaras, N. (2013). *Sport and sociological thought*. Athens: Telethron.

Pedro, C. M. C. A. (2006). *Educação feminina no século XIX em Portugal: Em busca de uma consciência* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.

Perrino, M. (2006). *Lettera di Matilde Perrino ad un suo amico nella quale si contengono alcune sue riflessioni fatte in occasione del suo breve viaggio per alcuni luoghi della Puglia* (Edizione e introduzione a cura di G. Cantalice). Edizioni digitali del CISVA.

Pfeiffer, I. (1852). *Visit to the Holy Land, Egypt and Italy* (H. W. Dulcken, Trans.). London: Ingram, Cooke, and Co.

Pratt, M. L. (2008). *Imperial eyes: Travel writing and transculturation* (2nd ed.). Routledge.

Ramos, E. S. M. (2019). *Literatura de viagens de autoria feminina no Portugal oitocentista: Alguns contributos* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto].

Schaeffer, J.-M. (1983). Du texte au genre. In G. Genette & T. Todorov (Eds.), *Théorie des genres*. Paris: Le Seuil.

Serrano, S. (2014). *Mulheres viajantes*. Lisboa: Tinta da China.

Silveira, A. (2019). Relato de viagem. In A. Coutinho & N. Jorge (Coords.), *Ensinar gêneros de texto: Conteúdos, estratégias e materiais*. NOVA FCSH-CLUNL.

Tedeschi, L. A. (s.d.). Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Revista Raído*.

Thompson, C. (2011). *Travel writing*. Routledge.

Torrão Filho, A. (2011). *Bibliotheca mundi: Livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação*. Revista Viagens, Viajantes e Deslocamentos, Projeto História.

Trindade, C., & Paolinelli, L. (2019). Maria Celina Sauvayre da Câmara – turista e peregrina. In *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*. Repositório da Universidade da Madeira.

Vilas-Boas, G. (2008). Picturing Ayatollahs' Iran: Laurence Deonna and Higinio Polo. *Cadernos de Literatura Comparada*, 18, 87–106.

Walker, M. A. (1886). *Eastern life and scenery, with excursions in Asia Minor, Mytilene, Crete, and Roumania: Written by an artist with nearly thirty years experience in the East* (Vols. 1–2). London: Chapman and Hall.

Youngs, T. (2013). *The Cambridge introduction to travel writing*. Cambridge University Press.